

MAYER GARÇÃO

OS
ESQUECIDOS



EMPRESA EDITORA E DE PUBLICIDADE
A PENINSULAR L.^{da}

55, RUA DA VITÓRIA, 55
LISBOA



Os Esquecidos

DO MESMO AUTOR

LYRA DA ALMA (esg.) — 1895.

HISTÓRIA ANTIGA (de *G. de Maupassant*) —
TRAD. EM VERSO — 1903.

A MINHA PAYSAGEM — 1904.

EXCELSIOR — 1907.

A DITADURA E A REVOLUÇÃO (esg.) — 1915.

PÁTRIA E LIBERDADE — 1916.

CEM SONETOS (PREFÁCIO) — 1920.

NO PRELO

HORAS DE COMBATE (de *Guerra Junqueiro*) —
PREFÁCIO.

DE COLABORAÇÃO

COM

FERNANDO REIS

OS VERMELHOS — 1899.

A CAMINHO DO SOL — 1900.

MAYER GARCÃO

5 | 8

OS ESQUECIDOS

Leite Bastos
Costa Alegre
Heliodoro Salgado
«Beldemónio»
Fernando Leal
O velho Gervásio
José Duro
Ernesto da Silva
Moniz Barreto
João Climaco

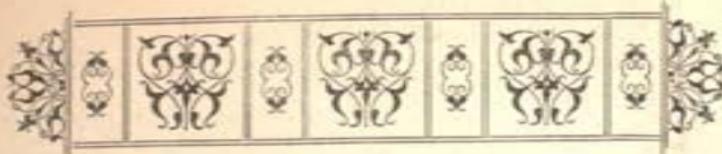
Eduardo Pinto
José Newton
Alfredo Serrano
Manuel Cardia
Felizardo de Lima
Nunes Claro
Guilherme Braga
Eduardo Pérez
Martins Figueira
Silva Pinto



1924

EMPRESA EDITORA E DE PÚBLICIDADE
A PENINSULAR L.da

55, RUA DA VITÓRIA, 55
LISBOA



OS ESQUECIDOS



*S*trechos que se vão ler não têm pretensões críticas nem biográficas. Não são estudos, nem são monografias. São apenas rápidas, singelas impressões, quando muito dois ou três traços, desenhando, embora imperfeitamente, um ou outro perfil que evoquem as recordações do leitor, com uma nota não menos Júgiliva de saudade e enlevo. Perfis de quem? De algumas figuras esquecidas, de envolta com algumas obras olvidadas ou emoções diluídas. O passado tem sempre um rago encanto em que só avultam as sensações mais dilectas do espírito. Recorda-se a curva de um caminho, a asa de uma vela, certos poentes magníficos, o canto de uma ave, um sorriso de mulher, um belo gesto, uma nobre estátua... Como não se recordará uma vida pura ou uma página sentida? Como não se recordará um rosto amigo, reflec-

tindo no olhar os sentimentos duma alma elevada, embebida no sonho ou clamando na acção? Às vezes, com essa recordação de beleza e ideal, soará de novo, como o timbre de um sonoro eco, um nome que deixámos apagar-se, mais ou menos, na imaginação. É a hora dos esquecidos; é a hora em que eles surgem, como fantasmas familiares, electrizando-nos ainda com o fluido do seu espírito, que ficou em páginas que raro ou nunca se abrem, ou em actos que só de longe a longe se recordam.

Através da vida, todas as gerações têm uma galeria desses esquecidos. A alguns sagrou-os uma firmeza estóica, uma vida de sacrifícios e dedicações; a outros deremos porventura as mais queridas, as mais impolutas das nossas inspirações mais vivas. Talvez alguns nos norteassem, para sempre, num determinado sentido. Talvez não fôssemos o que somos se não fôssem éles — quer se trate das nossas predilecções de arte, quer se atenda a outras normas e ideais, que na filosofia, na política ou na sociologia se concretizem. ¡Quem sabe se essas gerações não esquecem, em certos casos, muitos dos seus mestres, aqueles que vincaram primeiro, na sua alma, branda como cera virgem, os traços de um carácter forte! ¡A semente que no nosso íntimo germinou devemos a floração de sentimentos de que nos orgulhamos, e esquecemos a mão do semeador! Se um dia nos volve à memória o seu gesto augusto, de que falou o poeta, e não será com recolhimento e emoção que o deveremos acolher?

Nas realizações artísticas, nos lances políticos, nas prédicas sociais, só ficam, eu sei! os maiores. Tem de ser necessariamente assim. Se a admiração, se o culto dos que apreciam todas essas manifestações formosas, ou mesmo nelas se envolveram, englobasse todos os obreiros dessa ciclópica pirâmide de anelos, traduzidos perenemente na beleza, quer a das palavras, quer a dos gestos, não haveria cérebro que retivesse os nomes desses obreiros do ideal. Ficam os maiores, os que são expoentes máximos dessas manifestações espirituais; aos outros espera-os o olvido, que é mais pesado do que espessas camadas de terra funerária. Mas, às vezes, não são florescências modestas que se deixam murchar na obscuridade desse olvido; são florescências magníficas que sofrem a mesma sorte, mercê dum singular menos-prézo, que toca as raias da iniqüidade. Então não é só o coração que foi ingrato; é também a consciência que pecou.

Quando passei, em revista, os esquecidos a que procurei dar, nestas páginas, um relêvo próprio, em que os preitos de justiça se juntassem às oferendas duma saídade, não distingui entre os maiores e os menores. Não! Consultei apenas os ecos simpáticos do coração. Procurei apenas as notas eternamente vibrantes da força, da graça, do amor, do sacrifício. Em todas estas características da alma enlevada numa ideia ou num sentimento encontrei lição, exemplo, refrigério, docura, encanto. Em tudo encontrei partículas duma sensibilidade, duma beleza

—
dispersas de que a minha própria alma beneficiou,
como beneficia a alma de nós todos. ;E, na reali-
dade, para isso todos foram, todos são iguais, os
mestres do nosso espírito, os guias da nossa inteli-
gência, os paladinos do nosso ideal, os cantores das
nossas melancolias, das nossas paixões, dos nossos
júbilos, das nossas esperanças, da nossa fé!

—
Esquecidos! Esquecidos! O facto é que nos esque-
cemos a nós mesmos. Esquecemos o ensino elevado
que nos foi ministrado por uns; esquecemos o am-
paro fraternal que outros nos proporcionaram. Es-
quecemos a nossa mocidade, esquecemos os nossos
mestres, esquecemos os nossos irmãos, os nossos ca-
maradas. E só nossos? Não; de muitos outros que
os viram marchar com um passo seguro numa senda
de abnegação ou de estoicismo, ou os ouviram can-
tar, no plectro de ouro ou na frauta campesina,
glórias e enterneimentos que são os brasões da raça.
Nesta pequena galeria tanto figuram uns como ou-
tros. Alguns foram meus camaradas, meus amigos;
outros nunca os vi, sequer. A alguns já um clarão
de superior intelectualidade, de sentimento excelsa,
os iluminava. Outros ainda mal tinham começado
a sua carreira quando a morte brutal os arrebatou;
mas já haviam demonstrado, por mais restrita que
fósse a esfera em que se movessem, predicados de
incontestável mérito. A outros ainda não os exal-

garia uma inteligência ou um saber vastos; mas tinham no peito mananciais de ideal puríssimo. Podiam ser os mais obscuros, pela posição social: uma convicção forte na liberdade e no progresso, para garantia do futuro da Pátria e da marcha segura da humanidade, dava-lhes direito a tomarem como sua a divisa do vidente de Sagres, que pensava em descobrir mundos: talent de bien faire. Eles acariciavam o seu pensamento de bem fazer com desvelos iguais aos dos paladinos da lenda quando sonhavam ter conquistado o Santo Graal.

Poetas, romancistas, críticos, publicistas, propagandistas, nobres ou plebeus, ilustres ou obscuros, todos desempenharam uma acção, todos deixaram uma semente no sulco árido da terra. E estão esquecidos, todos, mais ou menos, mas esquecidos! E esse esquecimento que ainda os irmana, conjugando a virtude, a fragilidade, a singeleza de uns com a força, com a elevação, com a grandeza de outros. Esquecidos do grande público, esquecidos da sua classe, esquecidos dos seus amigos, esquecidos dos seus correligionários, esquecidos de todos. E Mas que seria dos que não são esquecidos se não fossem esses esquecidos?

Traçando estes perfis, não pretendi, repito, fixar mais do que uma impressão. Fugitiva, efêmera, imperfeita? Não o duvido, na maior parte dos casos, se não em todos. Nada, porém, lhes modifício.

O que eu pretendo não é, precisamente, ser fiel: é ser flagrante. Despertando uma recordação, embora transitória, mas viva, sentir-me hei feliz. De todos estes esquecidos dois, felizmente, vivem, e só são esquecidos porque querem: um poeta, Nunes Claro; um novelista, Eduardo Pérez. Ambos, de então para cá, recomeçaram a faina literária, em que fácil lhes é o triunfo. São os que, rigorosamente, poderiam, desde já, sair d'este livro. Não os deixo, porém, sair, porque não quero privar-me do prazer de lhes prestar uma homenagem, tanto mais grata quanto o nome de ambos se associa às minhas recordações, ainda hoje tam víosas, das pugnas literárias do meu tempo. Se, sobre a campa dos que morreram, só desejo desfolhar um feixe de violetas, também só peço para, sobre a fronte dos vivos, poder entrelaçar louros. ¡Oxalá nem um só dos meus esquecidos deixasse de sair do olvido — para as admirações e para os estímulos irreprimíveis da alma, do carácter e do talento!

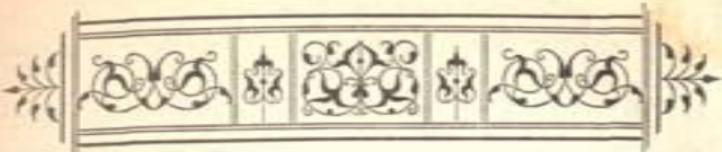
Há perto de dez anos que estes perfis, à excepção dos dois últimos, apareceram nas colunas de um periódico de Lisboa, A Capital, de que então era, como ainda hoje sou, efectivo colaborador. Páginas destinadas a relembrar esquecidos, esquecidas foram também, e com maior razão. Por eles, e só por eles, as arranco a esse esquecimento. O jornal tem a vida de um dia; o livro pode ter a vida de séculos. ¿Fica na sombra, na obscuridade? Embora! Uma hora pode vir em que uma luz o ilumine. Com a sua lan-

(c)

terna, Diógenes procurava um homem. Há, de vez em quando, quem procure almas. Talvez que os nomes que neste livro se inscrevem — e, senão todos, alguns — esclarecidos por um clarão que um reflexo de ideal acenda, ainda resplandeçam, aos olhos de um público comovido e atento, irradiando da sua espiritual esséncia alguma cousa dessa eterna poesia, que a humanidade por vezes desdenha, mas sem a qual não vive, não brilha, nem se eterniza.

1924.

MAYER GARÇÃO.



I

LEITE BASTOS

N^A politica, na arte, na literatura, no jornalismo, há «esquecidos» que a morte já lançou na terra dos cemitérios, e há «esquecidos» que, embora vivos, tam olvidados se encontram que a sua recordação desapareceu, como se realmente o seu corpo já se houvesse igualmente sepultado. E — porque não dizê-lo? — aquilo que realmente constitui a legião brilhante e vivaz do talento, da originalidade, do heroísmo ou do sacrifício pelo ideal, travando, no seu dia, a batalha campal das ideias e dos sentimentos, é precisamente o que constitui mais tarde a legião inumerável dos «esquecidos» — sem que a sua glória de precursores, de paladinos ou de mártires logre alcançar sequer essa magra recompensa que é o conhecimento de um nome pelas gerações cujo futuro êles serviram...

Há na política, na arte, na literatura, no jornalismo, grandes nomes que se não apagaram. Quan-

* * *

tos são, porém? Dez, vinte, trinta? Não mais. ¡Todavia, quantos floresceram, em tempo, com um brilho igual, e quantos ainda, não tendo o poder da sua inteligência ou a fôrça da sua audácia, pela viveza do seu espírito, pelo encanto da sua boémia, ou pelo balbuciar do seu estro, não espargiram, na voga efémera ou na obscuridade constante, uma parcela do génio da sua geração e do ideal do seu tempo?

*

* * *

Alguns dêsses esquecidos são figuras originalíssimas, que Vallès descreveria nas páginas dos seus *Refractários*. De uma me lembro agora, ao iniciar esta série de evocações — verdadeiras evocações, porque, vivos ou mortos, se trata de verdadeiros fantasmas. Essa figura é a de Leite Bastos.

Quantos conhecem um trecho das obras de Leite Bastos? Raros serão, como já são poucos os que conhecem o seu nome. Pois Leite Bastos deixou uma quantidade de romances, que noutra terra, se lhe não grangeassem a celebreidade, lhe assegurariam, pelo menos, a fortuna. Mas não. Morto, não tem quem se lembre do seu nome; vivo, não tinha onde cair morto. ¡E, contudo, foi talvez o único romancista de imaginação que tem surgido no nosso meio!

Sabe-se quanto escasseia a imaginação aos maiores novelistas da nossa terra. Camilo Castelo Branco fez uma obra de amarga filosofia e de ironia formi-

dável. Eça de Queiroz fez uma obra de admirável estilo, que uma ironia não menos viva, embora mais subtil, igualmente assinalou. Mas não tiveram, nem um nem outro, o verdadeiro poder da imaginação, que, sobretudo nas obras dos grandes autores franceses, dá o encanto do imprevisto ao poderoso trabalho do seu espírito. Essa faculdade sempre tem falhado na literatura portuguesa. Pois bem! Esse escritor boémio, inculto, desordenado, que foi Leite Bastos, possuiu-a em alto grau.

Em qualquer outro país ela bastaria para fazer a sua fortuna, como fez a de Ennery, como teria feito a de Ponson du Terrail, se a morte o não houvesse inibido de gozar todo o fruto das suas obras. Leite Bastos chegou a realizar êste cômulo: continuar a série prodigiosa do *Rocambole*. O último romance da primitiva edição, que se intitula *Maravilhas do homem pardo*, foi escrito por êle. E a multidão dos leitores do *Rocambole* não se apercebeu de tal.

Na confecção dêsse romance sucederam a Leite Bastos percalços interessantes. Nunca o pobre romancista português fôra a Londres. O que êle sabia das suas ruas, das suas praças, dos seus monumentos era o que tinha lido nos próprios romances de Ponson, anteriores ao que estava escrevendo para a mesma série. Davam-se então curiosas incongruências. Para ir de uma rua a outra, que distavam meia dúzia de passos, Leite Bastos fazia as suas personagens gastar uma hora. Para ir de um a outro extremo de Londres dava-lhes dez minutos...



A vida de Leite Bastos decorreu numa dessas boémias literárias e jornalísticas de que já hoje não se encontram senão raríssimos exemplos. Dai uma profusão de anedotas curiosas, que com saúdade narram os que o conheceram. Umas definem o seu tempo; outras definem o seu espírito.

Quando se estava publicando um dos seus romances, em folhetins, o *Incendiário da Patriarcal*, se não me engano, Leite Bastos dera-se ao luxo de possuir uma carriola, que um cavalito magro puxava, compartilhando da penúria do seu dono. Dar de comer ao animal era a constante preocupação de Leite Bastos. O destino forneceu-lhe, num dos seus raios de misericórdia, a solução desejada.

Havia um merceeiro que conhecia Leite Bastos, e se interessava sobremaneira pelos seus romances, de que era leitor assíduo. Todos os dias, de manhã, Leite Bastos parava à porta da mercearia, descia do carro e dava dois dedos de conversa ao merceeiro. Sempre essa conversa versava sobre o romance que estava sendo publicado em folhetins. O merceeiro estava intrigado, queria saber a continuação do folhetim daquele dia. Leite Bastos ia-lhe dizendo o seguimento do romance, e, entretanto, o cavalo ia devorando a fava que estava à porta, num saco. O merceeiro via, mas não ousava tirar o saco da porta, porque Leite Bastos lhe ia satisfa-

zendo a curiosidade. ¡Seria fácil fazer um poema com a luta que se travava na alma daquele excelente merceeiro, leitor de romances de sensação!

*
* *

Outra anedota, conta-a Silva Pinto num dos seus livros. Uma noite, o fundibulário dos *Combates e Críticas*, já conhecido como critico temível, entrou na redacção de um jornal onde Leite Bastos fazia noticiário. Pouco o conhecia, mas atraiu-lhe a atenção o facto de él estat redigindo uma notícia, que ia lendo a meia voz, à medida que a escrevia. Silva Pinto escutou e ouviu isto: «A Maricotas afinsou dois estalos no rico filho das suas entranhas...» Reparando que Silva Pinto o estava ouvindo, Leite Bastos calou-se.

Momentos depois, quando Silva Pinto ia saindo, Leite Bastos seguiu-o, chamou-o ao vão de uma janela, e disse-lhe:

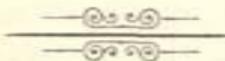
— Não quero que me julgue um idiota, e, portanto, deixe-me explicar-lhe por que é que me faço tolo. Quando vim para aqui, deram-me uma ridicularia, porque eu denotava merecimento. Percebi a história; comecei a fazer-me parvo e logo me aumentaram os vencimentos. Redobrei de estupidez e de novo me aumentaram os honorários. Se chegam a considerar-me parvo de todo, dão-me sociedade na emprésa. ¡Ora aí está o mistério!

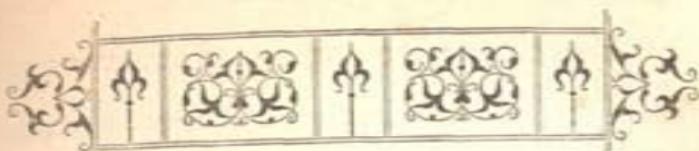


Só vi Leite Bastos uma vez, era eu muito criança. Lembro-me de que me deu a impressão de um cauteleiro. Eu ia com meu pai, que o conhecia. Leite Bastos estava então publicando, em folhetins, no *Século*, um romance que, creio, não chegou a concluir: *Os crimes dos Braganças*. Era uma obra de intuições revolucionários, que parecia seguir o modelo dos *Mistérios do Povo*, de Eugène Sue. Leite Bastos estava entusiasmado.

— Tem lido? disse êle, a meu pai. ¡Há-de ser a exautoração de uma dinastia!

Pobre Leite Bastos! Pela primeira vez as suas íntimas cóleras contra uma sociedade madrasta encontravam um alvo onde descarregar as suas setas: um velho trono já podre, onde se tinham sentado monarcas ainda mais apodrecidos do que êle...





II

COSTA ALEGRE

Era negro. Negro como a noite, de cujo seio todas as manhãs irrompe uma aurora. Mas novo, de olhos vivos e cândidos, figura elegantíssima. Era um poeta, um verdadeiro poeta, a quem o talento circundou a fronte com as suas mais puras fulgurações, e que, para em tudo ser poeta, foi infeliz: sofreu, cantou e morreu cedo, na idade maravilhosa dos vinte anos, em que, por maiores que sejam a infelicidade, o sofrimento, as amarguras do coração, sempre o sonho é uma esperança de ventura e a vida uma promessa de triunfo.

No último quartel do século findo, houve em Portugal um bando de poetas que a morte arrebatou quando ainda do seu espírito havia a esperar torrentes de harmonia. Morreu novo Gonçalves Crêspo; morreu novo Cesário Verde; morreram novos Eduardo Coimbra, Hamilton de Araújo, José Duro e outros ainda. Costa Alegre foi um desses. A morte

C 80

surpreendeu-o em pleno canto. Foi como se estrangulasse um rouxinol.

Suaves, desditosos sonhadores, êsses poetas que morrem na obscuridade, não porque lhes faleça a emoção e o talento, mas porque a morte avara não lhes permite um prazo de vida que garanta o gradual reconhecimento do seu valor por um público que sempre tarda a prestar atento ouvido aos seus cantos. Ao nome dêsses cantores portugueses do sentimento e da beleza pura a nossa imaginação junta outros de seus irmãos, que a posteridade, num momento de justiça, soube arrancar ao olvido: Chatterton, Gilbert, Chénier... E tantos mais! Tanto mais, mortos aos quinze, aos vinte anos, sem que mesmo fôssem necessários o suicídio, a miséria, ou a guilhotina, para as traições da Providência — mortos da tuberculose, que se abraça ao talento como uma trágica amante. Êsses que, constituindo as camadas literárias das diversas épocas, oferecem os ombros generosos à consagração de ambiciosos, feitos ídolos à força de nulidade e de astúcia, na mais encantadora cruzada de desinteresse, quâsi sempre iludidos por aparências, como são sempre iludidas as confianças ingênuas... Êsses que, na timidez do seu belo orgulho, professam o retraimento casto e nobre que, de maneira diversa, Bourget reconhece no grave Leconte de Lisle, sublime desprezador de multidões... Êsses de quem apenas lêm os dois ou três cantos, divinos soluços estrangulados, e cujos nomes se desvanecem no

* * *

nosso próprio cérebro, acostumado à persistência monótona dos «conhecidos» — como se a essa Fénix um só momento a entrevissemos na sua plumagem de ouro e a escutássemos na sua voz de músicas pouco sonhadas, fugindo logo para a floresta do seu símbolo...

* * *

Costa Alegre foi um dêsses. ¿ Que nos resta do seu estro? Meia dúzia de poesias, mas em cada uma delas palpita um originalíssimo espírito, uma emoção profunda, saída das raízes da alma.

Ele cantou, sobretudo, o amor. ¡ Pois se era o seu dia! O dia da sua mocidade, desabrochando em frémitos de paixão. A cõr do seu rosto afugentava as belas. Mas êle, verdadeiro apóstolo dêsse amor que é uma verdadeira religião da mocidade, respondia-lhes com doçura e graça. Veja-se esta quadra, dirigida a uma dessas belas insensíveis à formosura do espírito:

Por veres meu rosto negro
tu me chamaste *carvão*...
Não admira! Fui a lenha
no fogo desta paixão.

Doce poeta do amor! Até à hora extrema teve a sagrada ilusão do triunfo. Não! Não é possível que se ame sem ser amado. Não é possível que uma alma não encontre outra alma com a qual comungue. Ou na vida, ou na morte, essa conjugação de

duas almas há-de dar-se. Costa Alegre morreu nessa fé sublime. Um dos seus últimos sonetos, feito já nas vizinhanças da morte, é um grito de supremo anseio. É uma grande expressão de sentimento; é uma pura obra de arte. Se outros não tivesse deixado, igualmente belos e sentidos, este soneto deveria dar-lhe, em terra que melhor apreciasse as manifestações do talento artístico, uma fama não inferior à de Arvers:

Não quero! Tenho horror que a sepultura
mude em vermes meu corpo enregelado!
Se no fogo viveu minha alma pura,
quero, morto, meu corpo calcinado.

Depois de ser em cinzas transformado,
lancem-me ao vento, ao seio da natureza...
Quero viver no espaço ilimitado,
no mar, na terra e na celeste altura!

E talvez que em teu seio, ó virgem linda,
tam puro como o seio da virtude,
eu, feito cinzas, me introduza ainda...

E no teu coração, pequeno e forte,
ó gôzo triste! viva lá na morte,
já que na vida lá viver não pude!



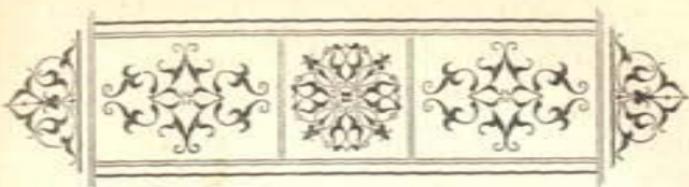
Deixou meia dúzia de versos, espalhados por jornais e revistas de arte. Tam dispersos que, há dezóito ou vinte anos, alguns dos seus amigos e admiradores — neste último número me contava

eu — quiseram reunir a sua produção poética num livro, e não conseguiram juntar mais do que cinco ou seis poesias, o que era insuficiente para formar esse livro. Mas essas cinco ou seis poesias fariam a reputação de cinco ou seis poetas.

Falei há pouco em Félix Arvers. Um soneto deu-lhe a imortalidade. Alcançou-lhe a glória de um monumento. A todo o instante o seu nome é citado quando se quere apontar o exemplo de um triunfador desse difícil género literário. Costa Alegre deixou, que eu saiba, meia dúzia de poesias. Entre elas, recordo três ou quatro sonetos, tam belos como o que deixo acima transcrito. Todavia, não é, não foi nunca conhecido senão em restrito círculo literário. Eram seus amigos João Clímaco, Calado Nunes, ambos poetas também pouco conhecidos, ou antes, esquecidos ambos, enquanto uma horda de mediocres assalta a imprensa, o teatro, desacredita os editores, e desenvolve em impudente audácia o que lhe escasseia em inspiração, em sentimento, e nesse nobre orgulho que é a dignidade do génio e do trabalho.

Estas palavras de evocação devem trazer, contudo, à memória de alguns a recordação do gentilíssimo rapaz, que outro poeta, há pouco falecido, Paulino de Oliveira, definiu com felicidade em saudosos versos, exclamando :

Sabei, ó brancos de alma hedionda e preta,
que há pretos de alma niveamente clara!



III

HELIODORO SALGADO

Não será totalmente um esquecido? Talvez. Mas se, após a morte, o culto do seu nome não vive na memória de todo um povo que êle tanto contribuiu para libertar, não menos certo é que, em vida, êle também não teve êsse culto, nem mesmo da parte daqueles que assistiam, dia a dia, ao seu pertinaz, fervoroso, admirável trabalho de emancipador de almas. Êle foi sempre esquecido para aquelas, de resto, precárias recompensas que o reconhecimento dos homens concede ao esfôrço dos lutadores, quando êles não tiram das maiores vaidades o estímulo das ambições. Heliodoro não foi um vaidoso, não foi um ambicioso. Daí, o ter ocupado um lugar imerecidamente secundário no seu partido, no seu país, quando, pela sua inteligência, pelo seu saber, pelo seu maravilhoso temperamento de propagandista, podia ser um triunfador das multidões.

Obstavam à eclosão dessas vaidades, ao raiar dessas ambições, as predilecções do seu espírito, os germes da sua cultura, o exemplo dos seus mestres, a pureza dos seus ideais. Heliodoro Salgado era uma figura semelhante à desses revolucionários cíndidos e ardentes, que tanta beleza e tanto encanto deram à generosa revolução de 1848. Sempre a sua alma viveu nessa atmosfera de ideias e emoções. Tanto na política como na literatura; tanto na pre-dica como na acção.

* * *

Porque não dizê-lo? A geração predestinada que criou a escola romântica e fez a segunda República Francesa dificilmente será sobrepujada na História. Zola, que tanto combateu o Romantismo nos seus exageros, dizia, abismado de admiração:

— ; Que talento tinham êsses românticos!

E todos aqueles que, após 1848, procuraram operar uma transformação política nos povos, apelando para as insurreições populares, não fizeram senão copiar o exemplo magnífico dos homens dessa época, que foram tam brilhantes tribunos como bravos insurgentes. Há nomes que cantam na nossa alma como se fôssem estrofes dum hino: Lamartine, cujo grande espírito não podia deixar de amar a Liberdade, depois de meditar com embevecimento sobre as livres expansões da natureza; Dupont de l'Eure, «espécie de romano, dos melhores tempos da velha

Roma», como o definia Cormenin; Arago, grande sábio, que soube evadir-se ao servilismo dos sábios e dos letrados, que uma má organização social coloca na dependência de todos os governos, quando não possuem outra riqueza que não seja a do saber, e cujo primeiro acto, ainda como um protesto contra esse servilismo, que tanto prejudica os progressos da humanidade, foi emancipar todos os negros das colónias francesas — a par de Hugo, que passou a vida a quebrar cadeias, tanto as da arte como as do povo, e de Eugénio Sue, que Heliodoro tanto admirava, e de cujo intrépido trabalho nos *Mistérios do Povo* élle dizia ter sido «a obra mais extraordinária de propaganda elaborada por engenho de homem».

Para compreender bem a obra de Heliodoro Salgado é necessário colocá-lo no convívio espiritual desses homens, na atmosfera dessa época, que élle revivia na evocação apaixonada duma alma que chega às certezas duma verdade, e se consome na tarefa ingrata de a divulgar a uma humanidade inteira, como a segurança do seu resgate.

* * *

Nesse empenho sublime não desperdiçou um dia do seu esforço. Ele foi, realmente, o apóstolo dum evangelho novo. Possuirá-se — como direi? — dum misticismo revolucionário. Esse audaz agitador de ideias, que a tantos se afiguraria um lutador tru-

L 43327

Universidade de Brasília
BIBLIOTECA

culento, era uma figura cheia de bonomia, como era uma alma cheia de bondade. Atravessou a vida com um sorriso. Esse sorriso manteve-o sempre através das perseguições, dos desdêns, das indiferenças dos que não valiam nada ao pé d'ele, da miséria, que foi sua companheira quase sempre, incutindo-lhe ainda um maior amor pelos deserdados, pelos ignorantes, pelos oprimidos. Se se relatasse tudo o que esse homem de superior inteligência, grandes qualidades de acção e vasto saber, padeceu em sofrimento e vexames, ter-se-ia feito uma página que envergonharia este país e até mancharia a face da democracia.

Heliodoro Salgado, cuja bolsa estava sempre aberta para os que a ele recorriam num momento de aflição, teve épocas em que se alimentava sómente com duas ou três maçãs e um copo de água por dia. Nunca dos seus lábios saiu uma queixa. Nunca enfraqueceu a sua generosa ânsia de propaganda. Nunca deixou de apostolizar a República. Foi um jornalista que muitas vezes não teve um jornal do seu partido onde escrevesse. Foi um orador que muitas vezes não teve uma tribuna onde falasse. Nunca os dirigentes do seu partido lhe ofereceram uma candidatura, dessas candidaturas platónicas que davam, contudo, nos tempos da monarquia, a honra de encarnar num nome a ideia da República. Sentiu-o ele? Não sei. Mas o seu sorriso não o abandonava, e, para retemperar as suas fôrças, bastava-lhe, na mansarda humilde, reler, à luz bruxuleante

de uma vela, após um dia da sua sementeira de princípios, uma página enérgica de Proudhon, um canto revigorante de Vitor Hugo...

Um dia ofereceram-lhe um cargo. ¿Imaginem que cargo seria esse? O de bispo protestante! Heliodoro Salgado sorriu. Os seus vastos conhecimentos em matéria religiosa tinham despertado a ideia dêsse oferecimento. Os protestantes não viam nele senão um adversário da igreja católica, quando Heliodoro era um adversário de todas as religiões. Sem dúvida o leitor sorrirá como Heliodoro sorriu, mas o cargo que lhe ofereciam garantia-lhe 600.000 réis por ano, e, circundado de milhares de artigos impressos e de centenas de discursos pronunciados, ele não tinha então talvez 600 réis na algibeira.

*

* *

Para os católicos ferrenhos, cuja intransigência, por vezes, toca as raias do ódio, e que desejariam ressuscitar todos os dias as fogueiras do Santo Ofício, Heliodoro Salgado revestia as aparências de uma fera de figura humana, levando ao auge do fanatismo anti-religioso, que é um fanatismo tam real como o fanatismo religioso, o sectarismo atrabiliário do seu espírito. Puro engano! Heliodoro era um filósofo, e o seu culto da razão admitia toda a sinceridade do credo adverso.

Eu conheci Heliodoro Salgado mais intimamente quando ele ocupava um modesto lugar de revisor

no *Mundo*. Ai tive ensejo de ser seu amigo, como já era seu admirador. Um dia preguntei-lhe:

— Diga-me com franqueza, Heliodoro. Qual é a sua opinião: ¿ acredita que Deus existe ou que não existe?

Heliodoro Salgado fitou-me um instante, calado, e depois respondeu-me:

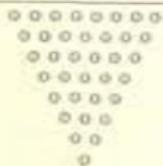
— A verdade, meu amigo, é que há tantas razões para afirmar como para negar a sua existência. Simplesmente, como a invocação do seu nome não tem servido senão para uma obra de servidão e de obscurantismo na terra, eu entendo que devemos passar sem élle.

Não me recordo já se foi antes ou depois desta convivência no aludido jornal que eu tive ensejo de manter uma breve polémica com Heliodoro. Tratava-se da obra de Tolstoi, que Heliodoro repudiava dissidente, e contra cuja influência no espírito da mocidade soltara um grito de alarme. Eu entendo dia, e ainda hoje o entendo, que a obra de Tolsto tem um espírito revolucionário, que ela tem feito pensadores e rebeldes, e que a sua teoria da *não resistência ao mal* não significa uma apagada resignação, mas sim um processo de luta. Heliodoro Salgado respondeu-me sempre com uma grande lealdade e nobreza, quer de ideas, quer de expressão. Era um polemista temível pela sua forte dialéctica, não pela grossaria, ou pela violência das suas frases.

Um dia houve em que este homem não foi esquecido. Foi no dia da sua morte. O povo sentiu-

como um golpe no coração. A sua profunda intuição revelou-lhe que perdera um dos seus maiores amigos, um dos seus defensores mais sinceros. Ele era o homem que tinha da República e do povo a mesma noção que George Sand proclamara, ao dizer: «A República é a melhor das famílias; o povo é o melhor dos amigos!». E então assistimos ao espectáculo desse funeral sem precedentes, em que esse propagandista popular, que não fôra nem um chefe de Estado, nem um chefe de partido, nem um director de jornal, nem um deputado, nem sequer um candidato do seu partido, nem um homem rico, nem um político influente, nem um literato de fama, teve a acompanhá-lo um povo inteiro, como nunca se fizera a um rei, como nunca se fizera a qualquer ídolo prestigioso das multidões!

A hora em que se fecha um túmulo não é a primeira hora da justiça. É a única hora da justiça.



IV

“BELDEMÓNIO,,

BELDEMÓNIO é um pseudónimo — o pseudónimo de Eduardo de Barros Lôbo, o «admirável prosador», como lhe chamou Silva Pinto. Barros Lôbo ilustrou, consagrou este pseudónimo, a ponto de él refugir nas letras como o nome mais brilhante dum publicista. É difícil fazer um pseudónimo. Só o conseguem inteligências de élite, como Gomes Coelho, o encantador romancista que, com o de *Júlio Dinis*, traduziu em páginas frescas e claras o mais delicado sentimento português, ou como José Sampaio, o grande, o extraordinário espírito, que é uma glória da nossa raça, e que com o seu pseudónimo de *Bruno* escreveu algumas das obras mais poderosas da intelectualidade latina.

Bastaria esta circunstância para autenticar o alto valor de *Beldemónio*. ;Mas em quantos aspectos esse valor se revelou! *Beldemónio* foi um cronista insigne, um psicólogo maravilhoso, um crítico notá-

vel, um estilista precioso, um polemista temível, um grande sagitário da Ironia e um grande paladino da Emoção!

Disse Silva Pinto, num dos seus livros, que de *Beldemónio*, com o qual, de resto, tantas afinidades tinha o seu temperamento, fôra corrente dizer-se que «era muito mau». As razões dêste qualificativo creio encontrá-las numa frase do autor da *Cegar-rega*: «Há uma subtil distinção, dizia êle, entre o que se pensa e o que se diz, e entre o que se diz e o que se escreve». Só a hipocrisia é que escreve, em geral, as suas apreciações, em que já não resta uma parcela augusta da verdade. Ora *Beldemónio* freqüentemente escrevia não só o que dizia, mas o que pensava. Como podiam deixar de o considerar um perverso?

* * *

Se fez sangrar muitos peitos, muito sangrou também o seu, com os golpes do abandono e as punhaladas da miséria. A miséria! Não há, na vida dos artistas, nada que se assemelhe à sua influência, à sua accão. Ela produz os tormentos dantescos do espírito. Vejamos: o artista, o verdadeiro artista, é sempre um enamorado do seu génio. Vota-lhe um culto. Tem em si próprio o seu sacrário. Não há poder, não há glória, não há riqueza que se lhe afigurem dignas de vencer, na comparação, o poder, a glória, a opulência dêsse génio, criador de formo-

sura e de vida, fonte de beleza e de triunfo! Pois bem! A miséria calca, profana esse sacrário. O homem que se julga um dos grandes da terra, pela realeza da inteligência, não tem às vezes o pedaço de pão de que dispõe um mendigo. ; Como se azeda uma alma, como se desvaira um cérebro, como se polui uma alvorada! A lembrança das vitórias da mediocridade, que insolentemente ostenta ao sol os brocados do seu manto, irrita, desespera o artista, o pensador, o criador de imortal beleza, o sonhador das magnificências supremas. Ela rouba-lhe a sua apoteose, e ela é a baixeza, a estupidez, a inépcia, a fraude. Há exemplos de génios cíndidos que deixam passar a enxurrada dos fáceis triunfos de tal ralé com um sorriso angélico nos lábios; mas há também o exemplo de génios rebeldes que escaram sobre a púrpura roubada, ou cerram contra ela os punhos crispados do protesto, da insurreição mental.



Beldemónio não foi um resignado, como não foi um herói. A sua vida, como a sua obra, como o seu espírito, foi cheia de altos e baixos. Mas a parte pura do seu trabalho espiritual confere-lhe os louros dum grande artista. Uma *plaquette* deixou êle que bastaria para a consagração dum escritor, contra o qual as vaidades feridas não opusessem um muro de isolamento. Refiro-me à *Musa Loura*. Esse

C. J.

combatente que desferia tam erva das setas, sabia tocar com mãos de sêda na alma lirial das crianças. Na *Musa Loura* estuda-se *Bébé*, em seis quadros, qual dêles o mais subtil, o mais característico: *Bébé, o voraz*; *Bébé, o conceituoso*; *Bébé, o notável*; *Bébé, o pensador*; *Bébé, o terrível*; *Bébé, o eloquente*. Não conheço nada mais belo em nenhuma literatura. É comparável à *Matança de S. Bartolomeu*, do *Noventa e três*. Que maravilha, êsse *Bébé, o eloquente*, em que se estuda a formação da primeira palavra, correspondendo às primeiras ideias da criança, que são, na sua nota balbuciente, o verdadeiro perfume do seu espírito em flor: *Papá!* como se essa palavra «cunhasse no ouro fino da sua música todo o amor e toda a vida da sua alma...»

* * *

Este poeta da infância foi o sagitário tremendo de panfletos de meio palmo em que as maiores consagrações eram alvejadas pelas flechas da ironia e do sarcasmo. *Beldemónio* escrevia, compunha e imprimia êsses panfletos, que tinham assim, em todos os seus aspectos, uma perfeita harmonia artística. De vez em quando, Lisboa acordava picada por uma dessas *guépes*, de ferrão mais agudo do que as de Karr. As suas picadas eram cruéis, mas poucas foram injustas. O tempo, colocando no seu verdadeiro nível tantas reputações duma época,

confirmou, a maior parte das vezes, os juizos sanguentos de *Beldemónio*.

Se o psicólogo era profundo, se o crítico era temível, se o panfletário era cruel, se o estilista era admirável, uma cousa se pode afirmar: é que, em todos os géneros que *Beldemónio* abordou, élle imprimiu o cunho do seu valor. Foi um cronista brilhante, deixando nas colunas dos jornais modelos de arte. Foi o tradutor de Balzac e Zola, e as obras dos grandes mestres, saindo das suas mãos, trasladadas para a nossa lingua, nada perdiam em beleza, em sonoridade, em brilho, em graça e em vibração.



Contam-se de *Beldemónio* anecdotas curiosas. Elas contribuiram em geral para a má fama em que se envolveu o seu nome. Citarei duas, ao acaso.

Um dos homens que protegeram os literatos do seu tempo com maior desvêlo foi o editor Pedro Correia. Conhecia Pedro Correia o extraordinário valor de *Beldemónio* e não menos conhecia a sua vida, passada em continua gêne. Um dia, que *Beldemónio* se encontrava em dificuldades, Pedro Correia disse-lhe que traduzisse o que quisesse que élle satisfaria essas traduções logo que lhe fôssem entregues, publicando-as quando lhe fôsse possível.

Não tinham ainda passado oito dias, quando *Beldemónio* se lhe apresentou com dois volumosos

maços de papel, atados com fitas de seda. Na primeira fôlha de cada um lia-se, em grandes e apuradas letras, o título do livro, o nome do autor e as palavras da praxe: *Tradução de Beldemónio*.

— Já! exclamou Pedro Correia, que conhecia a indolênciia habitual do escritor.

— Meu amigo! respondeu *Beldemónio*. Não há nada como a necessidade para fazer trabalhar. Escrevi de dia e de noite!

Pedro Correia recebeu o original, pagou e guardou as duas traduções para as publicar em ocasião própria. Passaram-se meses. Um dia, o editor disse de si para si:

— Vamos lá a publicar uma das traduções de *Beldemónio*!

Tomou ao acaso um dos maços. Desatou a bonita fita de sêda. Tirou a fôlha do título. Decepção! Eram cadernos de papel em branco. Pega no outro maço. Mais cadernos de papel em branco. *Beldemónio* não traçara neles uma linha!

Não sei que obra escrevera para o teatro o falecido dramaturgo D. João da Câmara. Quero crer que não fôsse das suas produções mais felizes. O caso é que, ao abrir, no dia seguinte ao da *première* da sua peça, as páginas dum jornal, deparou com uma crítica impiedosa de *Beldemónio*. A sua peça era positivamente dilacerada por ferinas garras. Tam cruel era a apreciação, que D. João da Câmara, apesar da sua bonomia, do seu carácter

pacifico e bondoso, não pôde vencer a irritação que tais ataques lhe causaram. Indagou a morada do critico, e, munindo-se dum grosso bengalão, trepou a íngreme calçada do Monte, ao tópo da qual residia *Beldemónio*, disposto a fazer-lhe aos ossos o que êle lhe fizera à peça.

Chegou, enfim, exausto, ofegante da caminhada pela tremenda ladeira. Procurou o número. Era num' casa pobre, um segundo andar com uma janelinha. D. João da Câmara pegou na argola e deixou-a cair com estrondo sôbre a porta carunchosa.

Bateu primeira, segunda, terceira vez. Por fim, a janela abriu-se e uma cabeça apareceu:

—Quem é?

—Sou eu, o D. João da Câmara, que lhe quero partir os ossos, seu patife!

A janela cerrou-se. Passaram-se alguns minutos, e D. João da Câmara ia de novo abalar a porta com algumas argoladas, quando ouviu passos, desendo a escada.

A porta abriu-se, e *Beldemónio* apareceu com uma criança nos braços.

—¿Ó D. João, sabe por que é que escrevi aquele artigo? Foi para dar de comer a esta criança...

O pequeno chorava, vendo o bengalão erguido como uma lança. D. João da Câmara olhou para êle, olhou para *Beldemónio*, enfiou a mão na algibeira, tirou o dinheiro que trazia, meteu-o na mão do seu adversário, e foi-se embora sem dizer uma palavra.

Dali em diante, quando D. João da Câmara ia à bilheteira receber a importância dos seus direitos de autor, ao voltar-se, encontrava *Beldemónio*, que lhe segredava:

— O D. João! Lembre-se da pobre criança! Hoje não tive nada que lhe dar...

* * *

Estou vendo daqui os moralistas da minha terra. Rostos que uma boa digestão alegra, mas que a moral força a assumir uma expressão severa. Dos seus lábios sai um comentário indignado. Nos meus olhos assoma uma lágrima...



V

FERNANDO LEAL

Não é fácil ser um boémio. No singular país da Boémia, tal como o descreveu Murger, vivem criações de fantasia. Um dia, àesperamente, Jules Vallès, que conhecera a boémia da dor, da desesperança e da cólera, anatemizou o poeta da *Musette*. Ah! não! A sua boémia não existia. Não havia imaginação, lirismo, sonho, amor, que compensasse as humilhações da penúria, os dias da fome, as longas noites passadas sem dormir, não antevendo, nas cogitações do futuro, uma aberta de felicidade e de conforto. O rude evocador dos refractários expunha às vistas de todos as chagas do seu peito, como expunha os buracos das suas botas. A poesia doce de Murger não lhe parecia um lenitivo, nem mesmo um banho de ideal, mas na realidade uma hipocrisia ou um escárneo. E a sua cólera era vasta como as imensidades do seu sofrimento e do seu orgulho.

Entretanto, Jules Vallès não tinha inteiramente razão. Há uma boémia autêntica. É a dos espíritos tocados daquela encantadora parcela de loucura a que os franceses chamam *grain de folie*. Essa distingue-se da que reveste apenas as premeditações da exteriorização, que não passam duma falsificação literária, como se distingue da que pretende encobrir ao mundo a sua miséria com um véu de predilecção artística. Ela documenta-se pela candura da alma, pelo entusiasmo do sonho, pelo lirismo do espírito. Foi assim a boémia de João de Deus e foi assim a boémia de Fernando Leal.

*
* *

Bem esquecido está o autor dos *Reflexos e Penumbra*s, o cantor dos *Relâmpagos*. Todavia, esse foi bem um poeta e foi bem um boémio. Os seus versos, todavia, reçumavam uma seiva, caracterizavam-se por uma pujança, que eram um atestado de forte, clara e sonora vida. Tinham originalidade e tinham alma. Tinham vivacidade e tinham harmonia. Tinham nobreza e tinham ideal. Fernando Leal impregnara-se do espírito francês, e por tal forma assimilara a limpidez, a sonoridade, a linha grave do seu ritmo, que as suas poesias, escritas na língua de Hugo, de quem êle foi o melhor tradutor que entre nós tem aparecido, são porventura as mais belas produzidas pela sua pena.

Falei nas suas traduções de Hugo. São as mais conhecidas. Mas Fernando Leal não traduziu só versos do autor da *Légende des Siècles*. Traduziu também Musset, Rollinat, Baudelaire, cuja *Charogne* não perdeu o seu brilho, Catulle Mendès, Th. Gautier, André Gil, Vacquerie. Deste último não resisto à tentação de inserir aqui a *Canção de Tragalabas*, cuja tradução é um primor no género:

O pescador que sonda a vaga cérulea
gritou-me dos abismos transparentes:
— Cedes Maria em troca desta pérola?
— Não; tenho trinta e duas: os seus dentes.

Ontem, por uma noite das mais belas,
disse-me o rei dos Magos, sem resolhos:
— Eu quero-a; escolhe tu duas estréias.
— Tenho as duas mais lindas: os seus olhos.

Ninguém resiste ao seu profundo encanto.
São Pedro, e a sua voz tinha um tremor,
disse-me: — Dou-te o céu! — Guarda-o, meu santo;
eu tenho o céu, pois tenho o seu amor.

— O céu não presta! Andaste bem, rapaz!
segredou-me um senhor de olhos de lume.
Dou-te o inferno! — Obrigado, Satanaz!
Tenho também o inferno: tenho o ciúme!

* * *

Das boas, fiéis e comovidas traduções em verso, disse Hugo, numa nota do prefácio do *Cromwell*, que eram também obras de artistas e de poetas,

103

porque representavam um trabalho a que não faltavam nem a originalidade, nem a vida, nem a criação. Os versos que acabam de se ler não podiam ser mais formosos no próprio trabalho do seu autor. Fernando Leal foi um admirável tradutor, precisamente porque sabia admirar. A falta dessa faculdade de admiração, que tanto escasseia no nosso tempo, é que tem produzido gerações literárias em que uma injustificável presunção do valor próprio — a qual faria sorrir se não movesse à tristeza pela esterilidade artística — tem originado uma poesia falha de verdadeira emoção e por isso mesmo destituída da autêntica beleza. Não procuremos noutras razões a nossa progressiva decadência. Só sabem produzir cousas belas os que adoram a beleza das obras imortais do pensamento.

Entre as traduções de Fernando Leal, realizadas com o fervor e o esmero com que êle as realizava, justificando as palavras justiceiras do prefácio do *Cromwell*, e as produções originais dos nossos poetas da última hora, medeia toda a distância que vai da virilidade à impotência. É sempre uma demonstração de virilidade espalhar a semente do Belo, nos grandes sulcos abertos na consciência humana pela passagem das ideias nobres, e é sempre impotência não traduzir nem um sentimento, nem uma impressão, nem um sonho, daqueles que só pode exprimir o espírito comovido.

* * *

Que admira que êste poeta, todo inebriado de luz, fôsse um homem que atravessasse a vida sem nunca compreender as suas realidades? Por isso Fernando Leal, não andando de cabeleira desgrenhada, nem poluindo com exotismos ridículos o dourado sonho em que se absorvia, foi uma alma boémia, aureolada por clarões heróicos. Era um mosqueteiro do ideal. As suas revoltas dirigiam-se sempre contra o espírito burguês, contra as injustas supremacias, contra as fortunas imerecidas, contra tudo o que fôsse baixo, vil, iníquo, ridículo e opressivo.

Uma anedota caracteriza-o. Um dia foi de passeio a uma praia de banhos. Ali reparou num inglês robusto, de ar arrogante, um verdadeiro John Bull, que se aprestava para mergulhar, dando um salto duma elevada prancha. Era, segundo parece, um grande nadador. Fez-se um círculo de basbaques, à espera do tremendo salto. E, quando efectivamente o inglês saltou, um murmurio de pasmo correu entre os espectadores.

Fernando Leal não admitia nenhuma superioridade burguesa. E muito menos dum inglês. O autor das *Palmadas na pança de John Bull* não podia ficar indiferente àquele espectáculo, em que julgou reconhecer uma intolerável subserviência. Não era já o banhista inglês: era a Inglaterra com os seus coura-

çados, com o seu ouro, com a sua arrogância, com o seu desprezo. E então, sem dizer uma palavra, o poeta, vestido como estava, caminhando com passos firmes, de cabeça levantada, subiu à prancha, encarou os assistentes e atirou-se de cabeça para baixo. Não sabia nadar; retiraram-no do mar encharcado e glorioso. Mas a todas as exclamações dos que lhe chamavam doido Fernando Leal respondia, sacudindo-se como um pinto:

— Era preciso que ninguém pudesse dizer que o que fazia um inglês não era capaz de o fazer um português!

* * *

Como esta história, há muitas. Mas Fernando Leal não precisava de público para afirmar a sua excentricidade natural. Uma vez, sendo hóspede dum pensão, teve qualquer desinteligência com a dona da casa. E deliberou nunca mais lhe falar. Se bem o pensou, melhor o fez. Durante meses a boa da mulher e Fernando Leal não se entenderam senão por bilhetes.

Mais tarde, sendo hóspede de outra casa, decidiu retirar-se à meia noite. Feitas as contas, não ficou sequer com o dinheiro para ir dormir a outra parte. Mas Fernando Leal julgar-se-ia deminuído a seus próprios olhos se deixasse de manter a sua resolução por causa de tam mesquinha circunstância. E assim, toda a noite, com uma mala na mão, em que ia toda

a sua roupa, ei-lo percorrendo as ruas de Lisboa, vagueando dum a outro extremo da cidade, seguido pelo olhar suspeitoso dos policias que porventura paravam a ver se iria ali um gatuno.

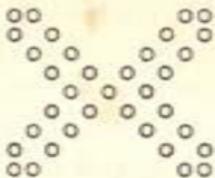
*

* * *

Amigo e camarada de João de Deus, de Gomes Leal, de Bettencourt Rodrigues, de Teófilo Braga, de Silva Pinto, o autor dos *Relâmpagos* era um espírito revolucionário, um democrata, um livre pensador. Pois bem! Este boémio, este insubmissô, este republicano, este ateu, acaba como um católico praticante, fanático quási. Casou; foi para a Índia. Aí, tendo transformado num culto o amor por sua espôsa, nunca mais se ouviu falar dêle. A pouco e pouco submergiu-se num misticismo enervante. Algumas das suas últimas produções publiquei-as eu numa revista de que era director artístico seu sobrinho, o ilustre caricaturista e meu querido amigo Leal da Câmara. Foi por intermédio de Leal da Câmara que êsses versos chegaram ao meu poder. Eram, na maior parte, traduções de provérbios de Salomão, duma fidelidade e duma perfeição que só ele podia realizar. Mas havia também alguns versos originais. Lembro-me desta quadra que fixei:

Como sómente um lago bem pacífico
reflecte os céus,
assim também sómente um calmo espirito
reflecte Deus.

Morreu ainda num sonho. Mas se êle o encheu de paz, como outros sonhos o encheram de revolta, a sua vida foi sempre grande e bela — tanto no ardor da luta, que documenta as grandezas do espírito, como na paz final, que revela as purezas da consciência.



VI

O VELHO GERVÁSIO

Foi há vinte anos. Reprimida a revolta do Pôrto, o partido republicano atravessava uma fase de enfraquecimento que devia prolongar-se perto de dez anos. Duas correntes se estabeleceram então nele. Uns queriam continuar a luta legal. Outros entendiam que se devia utilizar o processo revolucionário. Estes, em menor número, chamaram-se primeiro *abstencionistas* e depois *radicais*. A maioria queria o combate eleitoral, mas já Eduardo Abreu declarara, num comício, que era essa a última vez que se devia apelar para as urnas.

Os radicais constituíram um centro em Lisboa. Era aqui que as suas forças menos avultavam, mas no Pôrto a opinião da maioria era abstencionista. João Chagas e os homens que mais se tinham salientado na revolta do Pôrto partilhavam êsse modo de ver, que veio finalmente a triunfar, depois do fracasso da Coligação Liberal. Foi um êrro?

Não há dúvida. Foi um êrro. Os factos provaram que a utilização do voto em nada prejudicava a acção revolucionária. Pelo contrário. As lutas pelo sufrágio nos últimos anos da monarquia portuguesa, quando o partido republicano desistiu da abstenção, foram a base moral da República. Quando Lisboa, um mês antes da revolução, arrancou triunfantes, das urnas, dez candidatos republicanos, fez-se a afirmação esplêndida da conquista da capital. Uma revolta, seguindo-se a essa consulta da opinião, não podia ser uma aventura.

Mas os abstencionistas, os radicais de 1894, eram sinceros, e pode dizer-se que era neles que a ideia da República tinha um mais vivo e apaixonado culto. Supunham que a República só atrasaria o seu advento continuando o partido que a representava a debater-se com a pressão governativa, com a corrupção do caciquismo, com o analfabetismo das massas. Queriam apressar esse advento por meio da revolução, como o haviam tentado os lutadores heróicos do 31 de Janeiro. Enganaram-se. Atrasaram esse advento. Mas, repito, o seu êrro era um nobre êrro, devido ao ardor das suas crenças, e mais tarde esse êrro foi partilhado por todo o partido republicano.

*

* * *

Foi há vinte anos. Eu era então muito novo, e o meu espírito abrasava-se no sonho da redenção imediata. Alguém — não me lembro já do seu no-

me — levou-me ao convívio dessa meia dúzia de homens que, em Lisboa, não se podia resignar a fazer depender de uma lista a marcha das ideias republicanas. Eram os *radicais* desse tempo, essa meia dúzia apenas de intransigentes apaixonados duma ideia. Estava-se na época da Coligação Liberal. Um chefe republicano dissera ao lado de monárquicos, num comício: «Eu sou republicano, mas não quero a República!»; «Como ouviríamos isto, nós, que não sonhávamos outra cousa!»

Numa águia-furtada da Rua dos Anjos reuniam-se uns vinte homens. «Que figuras ali conheci! Que homens, de convicção de bronze, ali encontrei! Um era um barbeiro, cujo nome ficou nas colunas de vários semanários, firmando artigos duma ingénua e poderosa fé revolucionária. Chamava-se Eduardo Pinto. Hei-de também, aqui, falar d'ele. Era uma das reliquias, hoje raras, dos grandes republicanos do Pátio do Salema. Vivia num constante fervor. Quando alguém se lhe mostrava desanimado, apresentava sempre esta objecção, que se lhe afigurava irresponsável:

— Em 1880, eu, aos domingos, único dia que tinha livre, ia sempre a Alcântara para me encontrar com um amigo, que era republicano. «Hoje, encontro republicanos a cada passo!

Foi aí que eu conheci o velho Gervásio.

* * *

Gervásio Alves da Silva era um pobre velho, empregado da Câmara Municipal, que vinha todas as noites do Alto do Pina, a pé, até os Anjos, para êsses *rendez-vous* políticos. Era alto, magrissimo, quâsi esquelético, vestindo com modéstia, pobremente. Trazia sempre uma flor que dava a uma criança, filha do dono da casa, um madeirense, alfaiate. O velho Gervásio pouco falava; mas não faltava nunca, arrastando-se quâsi, e da sua escassa bolsa saía sempre algum dinheiro logo que se tratasse dum acto de propaganda, ou dum correligionário necessitado de auxílio.

Quantas vezes, olhando para êsse velho, pobre, doente, vendo-o chegar com uma flor na mão, quâsi sempre uma rosa, côr de sangue, côr de púrpura, que êle, com um sorriso, entregava a uma criancinha, naquela áqua-furtada humilde, eu senti a minha fé avigorar-se, um hino glorioso cantar sonoramente na minha alma as suas estrofes de combate e de triunfo! Via ali a figura viva dos antepassados, longas gerações sofrendo e sonhando por um ideal de libertação que sabiam não poder atingir. O velho Gervásio era para mim um símbolo paternal. Eu considerava-me seu filho. Éramos seus filhos todos nós, os que tínhamos vinte anos, e nos preparávamos para ver florir o seu grande sonho. Éramos seus filhos, como éramos e somos filhos de todos

os que lutaram, de todos os que sofreram, de todos os que, pelo pensamento e pela acção, pelo heroísmo e pelo sacrifício, nos legaram doutrina e exemplo, fornecendo-nos um permanente estímulo para o nosso incessante combate pela liberdade e pela justiça. E aquela flor, que os seus dedos transidos mal podiam segurar, êle dava-a a uma criança do povo, que a recebia com um clarão de alegria no olhar — a essa criança que havia de ser o que êle não podia ser, que havia de viver os dias que êle visionava em apoteoses sagradas. Dava-a ao futuro, dava-a à humanidade do dia seguinte, como uma promessa abençoada, como um depósito santo, como um compromisso austero — flamejando de fé, perfumando de ideal, desentranhando-se em beleza.

Nunca ali fui que não encontrasse o velho Gervásio. Falava pouco, como já disse. Dir-se-ia que só escutava as vozes íntimas da sua alma. Um dia, quando a crise política mais se agravava, aquela meia dúzia de visionários decidiu manter-se em sessão permanente, aguardando os acontecimentos. O velho Gervásio lá esteve. Para quê? Para estar presente na hora formidável; para ver, um instante que fosse, a bandeira da República flutuando ao vento; para fitar o sol maravilhoso da revolução; para morrer... Creio que foi o último dos que lá estiveram.

Morreu torcido de reumatismo, mal podendo arrastar-se. A última vez que o vi foi no funeral de

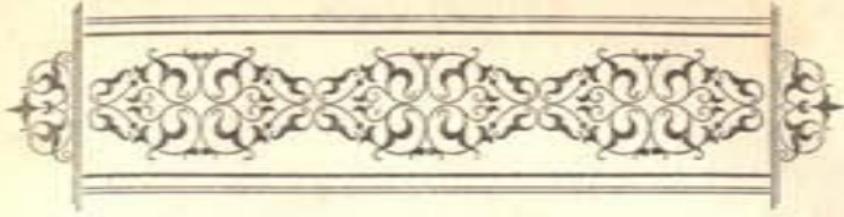
Alves Correia. As últimas palavras que lhe ouvi foram estas:

— ;A República é inevitável!



Morreu, como morreu Eduardo Pinto, como morreram tantos outros que no momento do final transe reconheceriam que a morte ainda era mais inevitável do que a República. Mas foram êles e tantos outros, grandes e obscuros filhos do povo, que preparam uma geração heróica — geração que fez o seu apostolado pelo país inteiro, e que, por fim, com as armas na mão, tingiu, com o vermelho do seu sangue, a flor simbólica do seu sonho, como a rosa purpúrea que o velho Gervásio, todas as tardes, trazia nas mãos como uma promessa de resgate e como uma afirmação de ideal.





VII

JOSÉ DURO

UMA tarde, há já bastantes anos, alguém me disse:

— Tens ouvido falar no José Duro?

— Não.

— Pois é um poeta e um poeta de merecimento. Coitado; está tuberculoso no último grau, e, se o não sabe, suspeita-o. Mas quere publicar um livro de versos, que certamente será o primeiro e o último. E deseja ler-te esse livro. Quando há-de ser?

— Quando ele quiser.

No dia seguinte encontrei-me com José Duro na cervejaria do Gélo. Não esquecerei nunca a febre que reluzia nos olhos daquele rapaz, em cujas faces se descortinavam já os estigmas da morte próxima. Sentámo-nos a uma mesa, e, com voz rouca, durante longo tempo, eu ouvi a leitura do seu manuscrito, entoada com estranha paixão. Os criados perpassavam, servindo fregueses, àquela hora ainda raros,

e, a essa mesa banal de café, eu assistia ao desenrolar das imagens, escutava a música dos ritmos, via desfilar as visões daquele espírito amargurado. Lembro-me que naquele momento recordei, como ainda hoje recordo, a página de melancolia de Zola, na *Oeuvre*, quando Gagnière, o músico, faz perpassar, na sordidez dum botequim, aos olhos de Cláudio, a teoria triunfal das grandes visões em que a obra dos seus mestes lhe comunica ao espírito a síntese do seu génio. Também ali, aquele poeta desgraçado e amargo despenhava perante mim os diamantes do seu espírito, porventura imperfeitamente lapidados, mas dum brilho, duma pureza, duma água tam cristalina que se diriam provir da terra virgem, aliando à cõr do sol o perfume das flores silvestres.

Nunca ouvi ler assim, nem desejo tornar a ouvir ler assim. José Duro, com a sua voz rouca, quase não fazia uma pausa. Oh! a rapidez terrível, affitiva da sua leitura, a ânsia de exprimir em gritos o fruto da sua paixão! Dir-se-ia que êsse rapaz, tam novo, receava não ter vida para chegar ao fim, e por isso traduzia, a correr, a marcha final dos seus sonhos, na galopada frenética das suas palavras!

*

* *

No dia seguinte eu acompanhei José Duro à imprensa Libânio da Silva, onde êle queria imprimir o seu livro. Foi a última vez que o vi. Passado

algum tempo, o mesmo amigo que mo apresentara encontrava-me e dizia:

— Sabes? O José Duro já não sai de casa.

— Peorou?

— Peorou assustadoramente.

— E o livro?

— O livro está quase pronto. Pois se êle é tam pequeno!

Era bem pequeno e, todavia, como era grande! Tive ensejo de o reconhecer quando me chegou às mãos um dos primeiros exemplares saídos do prelo. É o mesmo que tenho aqui na minha frente. Num dos seus trechos, que a sua enternecedora camaradagem me dedicou, leio estas palavras, escritas pelo seu punho, debaixo do meu nome: *Ao poeta e ao amigo — Lx.^a 31-12-98. — José Duro.* Quando a sua mão traçou estas linhas, só lhe restavam três semanas de vida.

Não conheço exemplo de maior infortúnio. É preciso não compreender o amor que todo o verdadeiro artista tem à sua obra, a esperança ardente com que a reputa susceptível de acordar o sentimento da sua beleza no público indiferente, a quase infantil vaidade, tam cándida que só deve provocar um sorriso de enterneecimento, com que o artista que principia espera as sagradas da crítica, os abraços dos amigos, a simpatia dos admiradores desconhecidos — é preciso não compreender êsse estado de alma, a que nenhum dos maiores génios se eximiu decerto, para avaliar em todo o seu horror o sofrimento.

mento de José Duro, que êle, para mais, teria de sufocar no seu íntimo, mercê dessa convencional modéstia que sufoca tantas vezes as mais puras, as mais limpidas sinceridades do desejo, que promete, e do orgulho, que afirma.

Cesário Verde, António Nobre, morreram novos. Mas Cesário Verde era já reconhecido como um talento original, chegara já às perfeições da forma que nele faziam adivinhar um mestre. António Nobre morreu quando já sabia que tinha o seu nome, como Cesário Verde, destinado à história literária do seu país. Ambos sabiam que eram grandes poetas, como tais reconhecidos, se não por todo um público, por uma *élite* de inteligências. O pobre José Duro ignorado vivera sempre. Não me lembro sequer de ter visto versos seus nessas revistas efémeras por onde todos começam. O seu livro era a sua estreia, e êle morreu com a desoladora impressão de que ninguém o lera ou apreciara. Eu próprio, por circunstâncias alheias à minha vontade, não pude em vida do autor do *Fel* escrever o que pensava do seu livro, que na realidade só me fôra dado apreciar devidamente quando publicado, porque da leitura que dêle me fizera José Duro apenas me restava a impressão duma vertigem. No próprio dia em que regressava à minha mesa de trabalho na redacção de *A Lanterna*, chegava-me a notícia da sua morte, e só me foi dado depor sobre o seu cadáver, ainda quente, as flores da minha admiração ensopadas no pranto da minha mágoa.

—

* * *

Não conheço, de todos os *esquecidos*, nenhum mais esquecido. E, todavia, a sua memória há-de reflorir. Nessa magnífica, angustiosa e suprema poesia *Doente*, com que o *Fel* termina, uma quadra fecha o testamento do poeta. Diz êle:

Por isso irei sonhar debaixo de um cipreste
alheio à sedução dos ideais perversos...

O poeta nunca morre, embora seja agreste
a sua inspiração, e tristes os seus versos!

A inspiração de José Duro não era agreste. Ela nascia, doce e pura, na sua alma. Simplesmente, passava por uns lábios embebidos no fel dos desenganos. Quem escrevia a *Rústica*, essa poesia de tam clara e suave emoção, não era um espírito inebriado em ideais perversos. Não! Era alguém que na vida vislumbrava bondade, amor, ventura e paz, e que, agitado nas convulsões do desespéro, amaldiçoava a cruel sorte que lhe não consentia êsses refrigérios.

Quem só atender às palavras de desespéro de José Duro pode julgar o livro estranho em que êle condensou as suas máguas uma obra de terrível pessimismo. Terá essa impressão o leitor que através de um canto não soube entrever a idea, o sentimento inspiradores. Não, poeta e amigo! que não chegaste a viver. Toda a tua dor, toda a tua indi-

gnação, todo o teu sarcasmo não eram mais do que irrupções frenéticas da bondade da tua alma. Quando dizias :

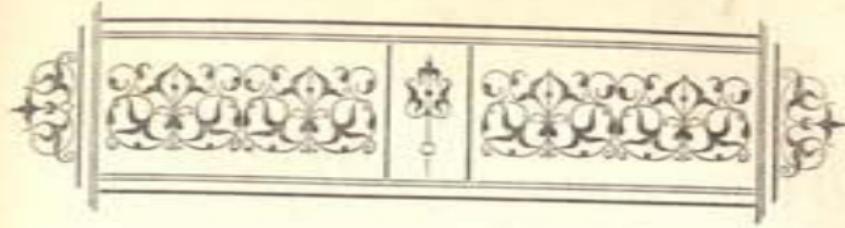
Agora comprehendo a dor de não ter lar
e a dor de viver só — desventura tamanha!
É ser mais triste do que os cardos da montanha,
as urzes do caminho e as noites sem luar...

davas-nos o segredo do teu desespéro, da tua cólera, do que chamavas o teu ódio, e que não eram mais do que dor, do que abandono, do que tristeza, do que miséria e doença, do que morte pressentida a todo o instante.

Por isso, se lê na *Rústica* :

Que a vida que eu arrasto amargurada, encalma,
enrouqueceu-me a voz e amorteceu-me a vista...
Tornou-me o que eu não era — um grande pessimista;
mostrou-me tudo mau, e enegreceu-me a alma.

Não! A sua alma não se enegreceu. Bastava a sua dor para a clarear. A dor purifica. Apontem-me um poeta, um verdadeiro poeta, que não haja sofrido. A dor é um manancial de poesia. Os cantos mais belos que o génio humano tem produzido são aqueles que a dor fez brotar da alma alanceada e como-vida. Não há beleza que não seja claridade. E a alma de José Duro, que ele, torturado, julgava escura como a noite, transparecerá sempre, através da sua sepultura, como uma aurora.



VIII

ERNESTO DA SILVA

ESCREVENDO o seu nome, evoco a sua figura. Magro, nervoso, sacudido, por vezes com uma expressão severa no olhar, que rápido tomava tons de candura quase infantil, ele foi um dos meus melhores amigos, e eu já prestava culto ao seu espírito antes de com ele haver trocado uma palavra. Conhecia-o dos comícios do 1.^º de Maio, a que, por muito tempo, não faltai. Fui sempre um apaixonado dessas reuniões populares. Muito criança, com uns sete ou oito anos, meu pai levava-me aos primeiros *meetings* republicanos. Lembro-me de assistir aos da Salamanca, em que no tablado popular apareciam ainda monárquicos, como Mariano de Carvalho, Pinheiro Chagas e outros, mas que eram verdadeiros comícios republicanos, porque, quando Magalhães Lima, Manuel de Arriaga ou Gomes da Silva tomavam a palavra, as aclamações do povo sagravam, numa apoteose, o ideal de resgate que o seu

verbo luminoso anunciava, clareando num horizonte de justiça, de glória e de liberdade. Acostumei-me assim a sentir bater o leonino coração do povo; foi junto dêsse coração heróico que o meu pequenino coração se exaltou e se enterneceu para sempre na mesma ânsia sagrada de progresso e de luz em que uma humanidade sofredora e predestinada há longos séculos palpita, canta, ruge e se evade às opressões que constantemente a têm martirizado. Não conheço nada mais belo do que ser a expressão viva, clamorosa dessa ansiedade. Falar a uma multidão é estar sobre um pedestal de almas. É um privilégio maravilhoso. É uma responsabilidade tremenda.

Foi nessas reuniões populares, em que realmente se observa, se sente a soberania popular, mais do que em qualquer outra das suas manifestações, que eu fixei pela primeira vez o perfil magro, a figura ardente de Ernesto da Silva — e comecei a amar o seu espírito na sinceridade flagrante da sua palavra.



O povo amava-o também. Assim que ele surgia, uma comunicação eléctrica se estabelecia entre a sua alma de proletário e as almas dos proletários que o escutavam. O povo sentia, tinha a noção nítida de que ele o não enganava, de que não era um desses palradores hábeis que fingem a existência de sentimentos que não experimentam, e a con-

vicção em princípios que não adoram. O homem que ali estava era o espírito do seu espírito, era a carne da sua carne. Ah! não! Ele não falava como êsses rouxinóis de eloquência que procuram dar o efeito da frase e não o vivo, o profundo, o íntimo sentimento da justiça de uma causa. Mas na sua aspereza, no seu desalinho, aquela palavra de fogo aquecia e iluminava como uma chama eterna. Era a dor humana que irrompia das profundidades do seu ser, e que se exprimia em todos os aspectos da revolta, tanto contra a desumanidade dos opressores, como contra a passividade dos oprimidos. Ernesto da Silva nunca lisonjeou o povo. Na sua voz flamejavam castigos. Os seus estigmas eram marcados com um ferro em brasa sobre todas as hipocrisias, sobre todas as fraquezas, sobre todas as pusilanimidades, sobre todas as indiferenças, sobre todas as capitulações.



Alguém, um dia, nos aproximou. Era, na intimidade dos amigos, o mesmo que era sobre o tablado das reuniões populares. Nenhum artifício modificava o seu temperamento. A minha simpatia aumentou, e quando um dia, alguns amigos seus, como Gregório Fernandes e Raúl Leal, que não deixaram de ser após a morte, me vieram pedir uns versos para uma festa que se realizava em sua honra num dos teatros de Lisboa, eu fiquei lisonjeado por uma

musa tam pobre como a minha ser chamada a enaltecer os ideais de uma alma tam grande como a dêle. Escrevi êsses versos, e intitulei-os *O canto de amanhã*, porque era realmente no Futuro que êle vivia, inebriado e fremente, e dar-lhe a visão, embora longinqua, do triunfo que o seu esfôrço preparava, afigurou-se-me a homenagem mais grata que se poderia tributar à sua obra infatigável de evangelista de um mundo novo.

Desde então não cessei de o acompanhar em toda a sua vida, que nessa evangelização se consumia. Ele entrou num convívio espiritual de que resultaram algumas afirmações de arte e de ideal na sociedade portuguesa. Ernesto da Silva possuía, numa abundância magnifica, um manancial de sentimento, e que é a Arte senão o sentimento? Já escrevera um drama, *O Capital*, que fizera sucesso nas plateas populares. Que lhe faltava? Uma educação literária. Corajosamente se dedicou a possuí-la. As horas em que descansava, ou do seu trabalho de tipógrafo, primeiro, e depois de revisor da Imprensa Nacional, ou das sessões de propaganda, ou do movimento associativo, dedicava-as à cultura estética do seu espírito. Lia com avidez, assimilava com surpreendente facilidade, e, ao mesmo tempo que lia, escrevia. Eram constantes os seus progressos. Os seus artigos em *O Mundo*, as páginas que escreveu na *Revista Nova*, representavam uma ascensão continua na escala de perfeição que todo o publicista tem de galgar, entre as torturas do estilo e o

conflito das ideas. Até que um dia, Ernesto da Silva, que para o teatro sentia uma atracção irresistível, chegava ao pé de mim com o manuscrito de um novo drama, em que pusera toda a febre das suas noites de trabalho literário e todo o anseio das suas ideas de protesto social.

* * *

Esse drama era o *Em ruínas*. Ouvi-lho ler em casa de Nunes Claro. Creio que a sua primeira leitura foi para nós três: eu, Nunes Claro e Silvio Rebêlo. Nunes Claro — grande poeta, um dos espíritos mais scintilantes que tenho conhecido em toda a minha vida, confinado agora no exercício da medicina numa povoação próxima de Lisboa, que até hoje não nos deu senão essa magnifica *Oração da fome*, com que respondeu à primeira *Oração* de Junqueiro, e que, inteiramente entregue aos afectos da familia, expande no amor que lhe tributa todos os poemas do seu espirito! Silvio Rebêlo, temperamento primacial de artista, em que desabrochava um D'Annunzio português, e que numa só poesia, *O bom caminho*, marcou para sempre o seu lugar na literatura da nossa terra; Silvio Rebêlo, hoje lente da Faculdade de Medicina de Lisboa, e eu nunca perdoarei à sciênciā tê-lo arrebatado às criações perfeitas da arte! Eram, como eu, dos melhores amigos de Ernesto da Silva — e nunca esquecerei o abraço que todos lhe demos quando, arquejante

ainda mais da emoção que o transportava do que do esforço da sua leitura, ele voltou a última página do seu manuscrito em que alvorecia a glória de um grande dramaturgo nacional.

Pobre Ernesto da Silva! ;Como essa alvorada estava próxima do crepúsculo da sua existência!

Entretanto, o *Em ruínas* ficou como o atestado do que valia aquele espírito de trabalhador inteligente e perseverante, que devotara a vida a um grande ideal, e que até o último momento não o atraiçou, não o esqueceu, não o renegou.

Com efeito, Ernesto da Silva tinha a verdadeira témpera do revolucionário. Nunca se curvou a nenhuma força que não fosse a da sua consciência. Socialista convicto, capacitara-se um dia da necessidade de fazer a República. Trabalhou para ela, pura, desinteressadamente. Mas jamais abdicou da sua independência mental. Nunca se rebaixou a fetichismos, que são a negação do critério democrático. Era uma alma nobre e livre, que só na plena liberdade podia mover-se e criar.

Não o reivindiquem aqueles que abdiquem da dignidade da condição humana que se concretiza na independência do espírito. Toda a sua obra é um grito de emancipação. Esqueçam-no antes. O esquecimento é por vezes uma consagração. Ele significa que a audácia dos *arrivistes* não chega ao ponto de arrastar consigo, para lhes servir de escudo, as grandes figuras dos velhos e heróicos lutadores — e basta esse facto para as moldar em bronze.

IX

MONIZ BARRETO

QUANDO Moniz Barreto morreu à mingua e ao abandono num hospital de Paris, um escritor ilustre, cujo nome também já vai caindo no olvido, embora se lhe devam páginas das mais formosas que têm sido escritas em língua portuguesa — refiro-me a Trindade Coelho — disse num daqueles seus pequenos artigos de jornal, que resumavam uma eterna emoção: «[...] Sinto lágrimas, ao ver daqui num grabato, miséríssimo, nu, abandonado, êsse franzino e exaurido corpo, velado, à cabeceira, pelo Esquecimento!» Se, no momento mesmo em que êsse profundo espírito deixava de brilhar, já o esquecimento o envovia, como não há-de envolvê-lo hoje, quando tantos anos são passados, tendo cada um lançado mais uma pazada de terra sobre o seu coval ignorado!

Pois bem! Êsse rapaz que se finou em Paris, e que nem sequer na sua geração teve um culto, nem

porventura na sua terra deixou um feixe de saúdades leais que procurassem fazer resplandecer o seu nome, foi simplesmente o único crítico literário que verdadeiramente tem existido em Portugal, onde o impressionismo apaixonado ou parcial usurpa as funções e a dignidade da crítica. Não escreveu Moniz Barreto um livro; não encheu com a sua prosa colunas de jornais, destinadas embora à voga efémera dum dia. Que eu saiba não há senão uma produção sua. São trinta páginas na *Revista de Portugal*, que Eça de Queiroz fundou e dirigiu. Essas trinta páginas subordinam-se ao título: «A literatura portuguesa contemporânea». Pois nesse breve estudo Moniz Barreto fixou as bases da crítica literária. No nosso país teve para cada fenómeno da nossa actividade mental uma fórmula justa, para a individualidade das grandes figuras representativas da nossa literatura contemporânea uma expressão exacta. É um estudo sintético perfeito. Para escrever aquelas trinta páginas eram necessários uma cultura, uma disciplina mental, um temperamento emotivo, uma razão segura, que bastariam para produzir uma dúzia de obras notáveis em todos os países do mundo.

•

* * *

Ao aparecer o nome d'este ignorado, firmando o artigo de entrada na *Revista de Eça de Queiroz*, então na máxima pujança da sua glória literária, uma sensação de assombro invadiu o público. Todos

os nomes doutros colaboradores da *Revista* eram, se não célebres, pelo menos já largamente conhecidos: Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, conde de Sabugosa. Não havia um só que não tivesse uma obra. Quanto a Moniz Barreto não só o seu nome era desconhecido, como a sua independência surpreendente. Aos maiores escritores contemporâneos, Moniz Barreto, definindo em duas palavras a característica do seu espírito e o valor do seu trabalho, fazia observações que indicavam sem dúvida uma grande noção da justiça, mas que a muitos se poderiam afirmar irreverências para os seus ídolos. Essas definições, na sua maior parte, são perfeitas, como perfeitas são as definições do génio de cada raça e de cada povo nas cinco grandes nações ocidentais, cuja influência norteia a literatura europeia, nas manifestações do génio francês, do génio britânico, do génio alemão, do génio italiano e do génio peninsular, em que o mesmo espírito vitaliza o sentimento e a inspiração de espanhóis e de portugueses.

Para Moniz Barreto, assim como a literatura representa uma concepção ou uma impressão da vida, assim a crítica representa uma concepção ou uma impressão da literatura. O crítico apoia-se na psicologia e na história. Por meio da psicologia aprende a conhecer o homem, por meio da história aprende a conhecer os homens, ou seja a humanidade. Aplicado este simples processo às suas análises, Moniz Barreto tem o dom curioso de assinalar aos escri-

* * *

tores de que se ocupa características que são tam inesperadas, mas ao mesmo tempo tam lógicas, que o leitor acaba por preguntar a si mesmo, estupefacto, como foi que, há mais tempo, não as assinalou, êle próprio, tam evidentes se lhes afiguram por fim.

*
* * *

Quem era Moniz Barreto? Só mais tarde, freqüentando o Curso Superior de Letras, soube que por ali passara o crítico da *Revista de Portugal*. Contava-se que um dia, chamado a uma lição, creio que de história, Moniz Barreto preencherá inteiramente a hora sem acabar as suas considerações, às quais o professor nada objectara. Convidado a continuar no próximo dia de aula, Moniz Barreto não esgotou o assunto. Levou três dias a falar. E ao acabar recebeu as saudações do professor, que vira raiar, na sua presença, uma das mais formosas alvoradas do talento, fortalecido pelo estudo.

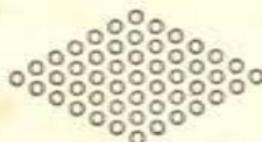
Que foi feito de Moniz Barreto até a sua partida para Paris? Não sei. De vez em quando, entre rapazes, o seu nome era pronunciado com respeito. Mas ninguém o conhecia; nenhum dos meus amigos me indicou uma só vez. Afigurava-se-me que êle devia viver muito retirado, inteiramente dedicado à alta probidade do seu esforço; alheio, com piedade ou desdém, às charras ou hesitantes tentativas dos chamados plumitivos. O certo é que foi a miséria que

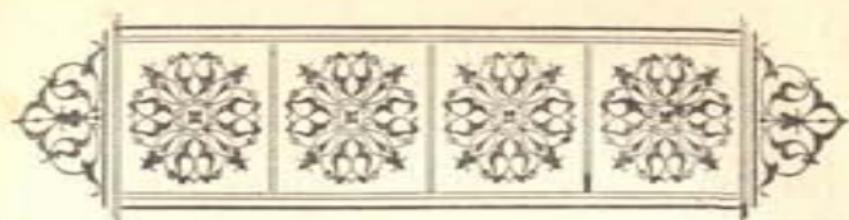
o acossou para Paris. Ai manteve durante algum tempo uma correspondência para um jornal do Brasil. Parece que em virtude duma intriga essa correspondência lhe foi retirada. Moniz Barreto conheceu todas as torturas da *génie*, o desconforto, a fome, a que veio juntar-se a doença. E um dia chegou a Lisboa a notícia da sua morte no catre dum hospital, sem que sequer o seu nome fizesse lembrar o grande talento que se perdia.

Moniz Barreto foi um esquecido ainda em vida. ¡Como não havia de sofrer o abandono dos seus compatriotas se as suas faculdades representavam um estigma para êles! Moniz Barreto era um crítico. Um verdadeiro crítico. Não julgo possível que um crítico possa viver em Portugal. Os nossos costumes suportam o elogio, resvalando à baixeza da lisonja mais vil, ou à má língua, conspurcando-se nos mais ignóbeis insultos. A crítica que prescreve a serenidade, a justiça, a ponderação, a sinceridade, não a suportam. Desagrada a toda a gente, tanto aos amadores do escândalo como aos apreciadores dum benevolênciam, que afinal de contas não passa dum sabujismo ou relaxação.

Por isso Moniz Barreto, o mais autêntico espírito crítico que tem existido entre nós, nem mesmo no seu rápido trânsito no mundo foi realmente conhecido. Pesou sobre êle essa guerra surda que se move ao talento sem apoio, e que se não curva. Ignorado viveu em Lisboa; ignorado morreu em Paris. Restam dêle sómente, segundo creio, as trinta páginas

da *Revista de Portugal*, onde há temas para volumes de crítica superior e inconfundível. Está num artigo a sua glória, e também nele teve o grande crítico o único clarão de triunfo da sua existência, vendo que um dos maiores espiritos do seu tempo soubera adivinhar-lhe o valor e reconhecer-lho.





X

JOÃO CLÍMACO

SE esquecem os que deixam um livro, os que ocuparam longamente as colunas dos jornais com os seus artigos, as suas crónicas ou os seus versos; se esquecem os que viveram em grandes rodas de literatos, mais ou menos autênticos; se esquecem os que multidões delirantes aclamaram, levando-os quase em triunfo nas grandes manifestações populares — como não hão-de esquecer aqueles cujo espírito não foi reconhecido e prezado senão por alguns raros amigos, na maioria dos casos ainda mais lógicamente votados ao esquecimento do que êles?

O nome que eu acabo de escrever como título a esta página de evocações dificilmente despertará uma recordação em meia dúzia de leitores. Como poeta — cumpre esclarecer. João Clímaco foi oficial do exército. Teve camaradas que o recordarão como

tal. Mas o poeta jaz sob a lápide do olvido, tanto mais pesada quanto em vida foi a do desconhecimento quase absoluto.

E, todavia, nesse rapaz congregavam-se qualidades que o tornavam um dos nossos liricos mais suaves. Ele encarnou o seu sentimento numa forma literária que teve poucos cultores entre nós, mas que nem por isso deixou de afirmar a sua originalidade. Foi a forma de Costa Alegre, de quem já falei, de Calado Nunes, a quem aludi, de José Newton e de Hamilton de Araújo, de quem ainda hei-de evocar os perfis saudosos. Foi uma espécie de escola intermediária entre o ultra-romantismo que agonizava e o naturalismo que aflorava nas suas fortes análises e nos seus poderosos descriptivos. Essa forma era suave, era melancólica, era idílica. Cantava o amor, as paisagens doces, os sentimentos ternos, com um fio de piedade cercando a sua auréola de encanto.

Fui muito amigo de João Climaco. Ninguém diria quanto esse rapaz forte, robusto, com aspectos de boêmio, era um sentimental profundo quando se abandonava às inspirações da poesia. Deixou meia duzia de versos. Não há neles uma única aspereza. Todos palpitavam de enternecimento e paixão.

De dois sonetos me lembro, ao acaso. A melhor maneira de definir um perfil de artista é fixar a claridade duma alma. Esses sonetos seriam belos em todas as literaturas do mundo.

No primeiro, que intitulou *Os Loucos*, cantava o poeta:

Dante foi louco, Beatriz amou,
e Camões a Natércia idolatrada,
em versos de doçura apaixonada,
a Natércia cruel divinizou.

E Petrarca por Laura suspirou,
a juvenil beleza decantada...

— Tanta mulher, porém, morre ignorada,
a quem nunca poeta algum cantou!

Eu, por amar, alguém me chamou louco...
— A vida é triste, a vida dura pouco,
e vem depressa à hora derradeira...

E se o amor já constitui loucura,
ah! tristes dos que buscam a ventura,
e então é louca a humanidade inteira!

O segundo soneto tem êste título: *A vendedeira de flores*. João Clímaco cantou-a com a mesma piedade com que cobriu de flores a sua mortalha de gelo o coração magoado de Leon Gozlan:

É inocente e impura essa criança!
Tem umas formas divinas, discretas,
e o vento, ao agitar-lhe as tranças pretas,
o vento bebe o aroma a cada trança.

É inocente e impura essa criança.
Tem transformado muitos em poetas,
ela, que vende ramos de violetas,
e que anda neste mundo sem bonança.

Que Deus proteja a pobre criancita,
e conserve a virtude à pobresita,
sem luz, sem ilusões, sem ter amores,
que depois que nasceu só fez um crime,
que a negra sorte apenas lhe redime,
— vender suas irmãs, vender as flores!



*

* *

Poucas vezes tenho encontrado, na poesia portuguesa, uma delicadeza de sentimento como a que ressuma dêstes admiráveis versos. Admiro-os pela beleza e pela emoção, pela suavidade e pela tristeza, pela simplicidade e pela doçura. Estes poetas: Costa Alegre, Calado Nunes, Eduardo Coimbra, José Newton, tiveram a intuição duma grande arte. Não faz destas pequeninas maravilhas quem quere. Elas são como os malmequeres do campo, como as flores humildes que brotam da natureza livre. Haverá quem as desdenhe; mas foi a natureza que as fez. E a ninguém é dado fazer o que faz a natureza. São as jóias de que essa natureza é escrinio. Os homens lapidam as jóias ricas, trabalham os metais preciosos em artísticos rendilhados e lavores, realizam prodígios de gôsto e de opulência, mas não podem fazer nem uma bonina dos bosques, nem uma papoula dos campos, nem um jasmim dos valados.

Todavia, assim como nas suas criações mais simples, a natureza desentranha a sua beleza mais comovedora, assim a arte é tanto maior quanto mais singelamente exprime os sentimentos eternos. Os poetas que cantam o amor, e que ficaram como os verdadeiros mestres da expressão na imagem e no ritmo dessa harmonia celestial do coração, são aqueles que nessa simplicidade procuraram o segredo

de perfeitamente a exprimir. O maior de todos, entre nós, nos últimos tempos, foi João de Deus.

Nada mais simples, nada mais belo, nada mais perfeito do que a sua poesia de amor. Mas antes de João de Deus houve em Portugal um poeta maior do que êle, o príncipe dos poetas portugueses, tam grande como a meia dúzia de génios que dão à poesia de todos os tempos o seu prestígio imortal. Esse poeta foi Luis de Camões. Fez uma epopeia, os *Lusiadas*, e fê-la com requintada arte, impregnada de todo o saber do seu tempo, moldando-a pelas normas da tradição clássica. Quando, porém, quis só falar do amor, únicamente do amor, escreveu as suas *Rimas* — divinas rimas em que há a frescura do orvalho das manhãs, tremendo, em pérolas líquidas, nas fôlhas das rosas silvestres. Foi simples, foi modesto, cantou como um rouxinol dos campos, e foi, porventura, nessa simplicidade de madrigal, maior ainda do que na grandeza da sua epopeia.



João Clímaco morreu novo. Pouco mais teria de trinta anos. O seu livro não chegou a publicar-se. Um dia propus-lhe um título: *Conjugações do verbo «amar»*. ;Não eram outra cousa todas as suas poesias, porque na realidade êle amou tudo o que merece ser amado, desde a inocência até a glória, desde o pudor até a paixão, desde o sofrimento até o prazer, desde a vida até a morte!

XI

EDUARDO PINTO

EM 1894, como já atrás tive ocasião de referir quando tratei dessa figura enternecedora, quase anónima, do «velho Gervásio», havia em Lisboa um reduzido grupo de homens que representava, na sua máxima fidelidade, a pureza da convicção republicana. Esses homens foram os primeiros que acordaram os sentimentos cívicos do povo da capital, realizando um comício nos Anjos, em que se tratou da questão financeira. Havia muito tempo que o partido republicano, enfraquecido pela derrota da revolução do Porto, oprimido pela política do engrandecimento do poder real, sucessivamente fôrando despojado das suas anteriores conquistas. O tablado dos comícios, onde a República pousara o pé dominador, de onde descia sobre as multidões, ansiosas de resgate, o verbo do futuro, estava desocupado. O último comício que se realizara fôrando o da Coligação Liberal, quere dizer, o partido

republicano deixara que monárquicos, apostados em mistificá-lo, ousassem reaparecer nesse tablado, cuja posse só competia aos verdadeiros tribunos do povo. O comício dos Anjos foi um comício absolutamente republicano, e eu recordo o frémito de esperança que me agitou quando vi que o povo de Lisboa, que diziam desinteressado da democracia, regressava a aglomerar-se em torno dêsse tablado, cujas tábuas eram bem mais fortes do que as tábuas de um trono.

*

* * *

Um dos que mais propugnaram por que afrontássemos essa tremenda prova foi um dos nossos amigos, dos nossos camaradas, um modesto barbeiro, que era um dos firmes lutadores dessa causa popular e soberana. Chamava-se Eduardo Augusto Pinto, e com o seu conhecimento se afervoraram as minhas ideias de democracia, de liberdade. A República, cujo nome prestigioso, em que me pareciam ressoar as notas ardentes da *Marselha*, eu amava desde criança, tornou-se para mim o quer que fôsse de um ser tangível, palpitante, em que se sente o calor de um sangue eternamente virgem e moço. Porque é só o povo que opera estes milagres de vida: só êle, das Galateas marmóreas que o pensamento aformoseia em grandes linhas de estatuária impassível, sabe fazer deusas e heroínas, cantando, lutando, sublimando o espírito inquieto

da humanidade mais perfeita que simbolizam e retratam.

Ao pé dêsse homem do povo, em cujo coração ardia uma perpétua chama que se lhe reflectia no olhar, chama de resgate, chama de bondade universal e doce que tantas vezes só se exprime nos gritos de revolta, eu tive da República uma noção mais vasta e mais bela. Compreendi que ela, embora não podendo ser a expressão definitiva da liberdade, era um seu agente forte e activo, e que êsse povo, com quem Eduardo Pinto convivia, a quem pertencia, agarrara em todas as suas vagas esperanças, em todas as suas ânsias, em todos os seus estremecimentos e em todas as suas cóleras, e, como num molde de bronze, vazara aí os seus sofrimentos e as suas aspirações, vitalizando a estátua, fazendo-a caminhar, na marcha pausada, mas invencível, das legiões revoltadas que, através da História, constantemente se vão avolumando, e preparando, entre derrotas e vitórias, o seu triunfo final. Desde então a República deixou de ser para mim uma abstracção gloriosa, passando a ser uma realidade viva e palpitante, e, pela alma do povo, que a vi animando, mais forte, mais fecunda, mais útil, mais poderosa — como uma alavanca que levanta um mundo, o que é sem dúvida mais sublime do que a varinha mágica das fadas, que só ergue às regiões azulinas da fantasia a imaginação das crianças, em que toca, doirada de mistério e enfrolada de rosas...



*

* *

Era Eduardo Pinto que dizia aos nossos desfalecimentos: «A República vai caminhando! Há vinte anos eu, para falar da República, ia a Alcântara, encontrar-me com um correligionário, e hoje encontro-os a cada passo!» A República ia caminhando, é certo, mas o que ele não dizia, o que porventura não sabia, é que era ele que a fazia caminhar, porque ele era o povo, e era, e é, no povo que se encontra a força de combate e de apostolado precisa para fazer caminhar as ideias.

Interessantíssima figura a desse homem! Nunca uma palavra de desânimo, jamais um gesto de indecisão. Na loja, onde trabalhava como oficial, o seu trabalho mais violento era o da catequização incessante. Defendia a República com serenidade e com ímpeto. Ninguém o abalava na sua convicção. Aos ataques respondia com um sorriso. Mas o sangue subia-lhe ao rosto quando lhe parecia que um republicano tergiversava, ou enfraquecia, ou capitulava. Era a indignação dos crentes, que não suportam nem a cobardia, nem a traição.

Um dia, Eduardo Pinto foi estabelecer-se em Camarate. Era uma povoação em que, creio, não havia então senão dois ou três republicanos. Pouco depois toda ela era republicana. O fogo de uma convicção sincera é mais poderoso do que todo o

esfôrço de uma dialéctica hábil. É assim que os apóstolos conquistam o mundo.

Morreu pobre, obscuro, como sempre vivera. Morreu, vou jurá-lo, com o nome da República nos lábios. E a sua grande alma voou, envolta num clarão do futuro que ele preparara.

*

* *

Meu velho amigo! Meu mestre! Eu desejaria que o teu espírito voltasse a alumiar com a sua fé, raio da eterna verdade, a legião republicana a que pertenceste, fundada pelo grande povo de quem eras filho. Chamavam-te demagogo os que só viam nas tuas palavras o propósito duma demolição necessária. Não o eras, como nunca o é verdadeiramente o povo. Um dia, acusado de demagogia na câmara francesa, Jaurés teve um grito soberbo:

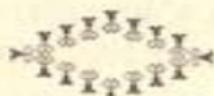
— Demagogia, e da mais abominável, disse ele, é a que leva a fazer ao povo todas as promessas, para conquistar o poder, e, uma vez lá, para subir cada vez mais alto, a despedaçar essas promessas!

Tinha razão o admirável tribuno. Nada há mais revoltante do que essa velha mistificação da alma popular, que só pede, que só reclama, que só anseia liberdade. Por via dessa mistificação ergue-se hoje, como um ídolo, o povo, que já se pensa antecipadamente tratar, um dia, como um escravo. Nada mais abominável, nada mais monstruoso, nada mais vulgar.



O povo não deve ser um ídolo, adulado com práticas dum fetichismo cego. Acima da sua soberania, da sua força, há outras soberanias, outras forças, a que deve sujeitar-se. Há a verdade, há o direito, há a justiça. Mas verdade, direito, justiça, não são possíveis sem a liberdade. Eis o que torna mais abominável a conduta dos aduladores do povo que só pensam em converter-se em seus tiranos.

¡ Se vivesses, meu velho amigo, a República seria para ti, como sempre o há-de ser para mim, animado da mesma fé, que foi a tua, só a liberdade e sempre a liberdade — e eu diviso-te, num clarão vermelho, entre um povo electrizado da tua emoção, dando todo o teu sangue para que ela não seja nunca outra cousa, para que não deixe de ser a República!





XII

JOSÉ NEWTON

O primeiro, creio que o único livro de José Newton, data de 1887. Tem êste título: *Versos (Estreia) de José Newton*. É uma edição microscópica, mais uma *plaquette* do que um volume, onde, num *elzevir* elegante, os versos do poeta parecem ter uma mais suave, mais preciosa e mais discreta beleza. E, todavia, êste título singelo quanta eloqüência expressa: *Versos!* Certamente toda a gente faz versos, mas que fazem os maiores poetas que neste termo evocador de harmonia e ideal não venha a concretizar-se, como na mais perfeita designação da sua arte? As estâncias dos *Lusiadas* como os cantos da *Odisseia*; os poemas de Byron e de Espronceda, como os sonetos de Antero ou as liricas de João de Deus; as sátiras de Juvenal, como as bucólicas de Vergílio; as odes de Horácio como as poesias de Musset; a epopeia de Dante como as baladas de Burger—que são, afinal de contas, senão versos? Qualquer que seja o género, a magnitude

483

da sua obra, que fazem os poetas senão versos? Na sua modéstia, José Newton afirmava ainda que era mais poeta do que os que surgem com pretensões irrisórias a querer deslumbrar as gentes.

De resto, um dia, replicando a alguém que à flor dos lábios exprimira um desdém sacrílego da poesia, ele soube definir bem o que era ser poeta para a sua alma de verdadeiro poeta:

Cuidado, flor, que ser poeta é nobre!
É ser talvez um esfarrapado, um pobre,
um pária, um visionário...

Mas é também, contra o sofrer terreno,
ter o sublime olhar do Nazareno
nos transes do Calvário.

Olha: é saber amar! É como o Dante,
votar a vida a uma visão distante,
riso de amor escasso;
e amando assim, sem ser amado um pouco,
acabar preso, enamorado e louco,
como o divino Tasso.

É gemer o *Intermezzo*; é condenar-te,
como Hugo, o nome vil, ó Bonaparte,
às irrisões da História;
e, como Arvers, nos versos dum soneto,
formulando os gemidos dum afecto,
escravizar a Glória.

É, no fulgor da estrofe alevantada,
eternizar Natércia, a doce amada,
que à corte o louco imola;
e, quando a Pátria entre baldões expira,
depois de à Pátria consagrada a lira,
morrer pedindo esmola!

—
—

Se, apesar de tudo isto, o ser poeta
só te merece risos, borboleta
sólta de ramo em ramo,
ri-te, que o sou — proteste o verso embora —
porque, enfim, para o ser, basta, senhora,
amar-te, como eu te amo.

*

* *

Não conheci José Newton senão pelos seus versos, que passaram numa indiferença geral. Nem o seu retrato vi. Era um tempo em que os poetas procuravam fazer conhecer a sua alma e não o seu rosto — as suas grandes cabeleiras, a sua palidez funérea, a face glabra ou os bigodes conquistadores. E como não havia José Newton de passar despercebido se ele não podia usar os processos do *réclame* escandaloso, que mais tarde floresceu como a panaceia universal das consagrações rápidas e fáceis?

Todavia, poucos poetas tinham um sentimento lírico como ele. Quando digo *tinham* convém observar que eu não sei se José Newton ainda é vivo. Não o indaguei. Estas recordações que lanço, com o preito da minha admiração, sobre o nome de belos espíritos esquecidos, não são forçosamente goivos desfolhados num túmulo. Eu falo de esquecidos; e há muitos esquecidos ainda em vida. Sei de José Newton apenas que, um dia, forçado a ganhar a vida, foi para S. Tomé, empregado numa roça. Creio que, apesar de tudo, a África lhe foi mais propícia do que a terra europeia em que nascera e

em que a civilização de certos brancos faz parecer branca a civilização dos pretos.

Dai um dia me escreveu um amigo, alma de poeta que nunca escreveu um verso, brilhando através do temperamento dum incorrigível boémio, para me falar dêsse poeta em quem já ninguém falava. Foi há muitos anos. E nessa ocasião, relatando-me o sacrifício dêsse nobre rapaz pela família que estremecia, o meu amigo mandava-me versos inéditos de José Newton. Que pena sinto de não os poder publicar hoje! Sei que os possuo, mas para os encontrar necessário seria remexer toda a papelada confusa das minhas gavetas, o que é emprêsa que sempre me faz trepidar. Mas, só por causa de José Newton, hei-de abalançar-me a êsse cometimento.

*

* *

Dizia eu que em poucos poetas se nota um sentimento lírico como o dêle. Para o provar, basta destacar do escrinio dos seus versos esta autêntica pérola, que se chama *A Primavera*:

Quando ela assoma virginal, serena,
nos céus toldados de invernal tristeza,
como o Pan fabulado, a natureza
sopra em alegre avena.

Branca ou vermelha, entre virentes ramas,
de uma frescura e de um aspecto ideais,
a flor da acácia imprime aos panoramas
efeitos de Watteau convencionais.

—
—
—

Reserve o amor nos escondidos ninhos,
pulula a seiva com vigor crescente;
e as borboletas noivam ternamente
nas urzes dos caminhos...

Palpita a vida em rebentões e cachos,
os gomos pulsam nos vergéis em flor;
e, aos pares nos eirados, os borrachos
seguem Zola nas expansões de amor.

Aves dispersas de trinados franceses
armam berços em sombras predilectas:
e, nas águas-furtadas, os poetas
armam idílios brancos...

Correm fortuitas nuvemzinhas claras
no céu profundo em que flameja o sol.
E ao ciciar nocturno das searas
responde em versos de Heine o rouxinol...

Neste admirável trecho há as delicadezas de Horácio, na feição moderna dum Cesário Verde. Dificilmente se encontrará uma conjugação mais feliz da arte clássica e da arte moderna. É um quadro que faria a reputação dum lírico, em toda a parte em que apreciadores dum ação discreta, com o culto da elegância da forma, soubessem entrelaçar coroas de hera para os cantores da natureza nas normas puras da arte.

Mas José Newton assinalou-se ainda como um excelente interpretador de Heine. Vê-se que era o seu poeta predilecto. Nos *Versos* têm vários números do *Intermezzo*. Creio que, além de Newton, foi só Gonçalves Crêspo quem trasladou para a poesia da nossa língua a doce, melancólica e não raras vezes

amarga poesia de Heine. Entretanto, se alguma primazia tem de notar-se entre os dois poetas, ela cabe ao delicadíssimo génio poético de José Newton, cujas fórmulas de arte eram mais modernas, mais simples e mais sentidas do que as de Gonçalves Crêspo.

Vejam-se estes três números do *Intermezzo*:

Rosas e lírios, pombas, sol — outr'ora
como eu amei tudo isso! Pois agora,
fonte de todo o amor, alma e farol!
da minha vida, amo-te a ti, sómente,
que és para mim a rosa, o lírio albente,
a meiga pomba, o sol...

Das minhas mágoas fiz canções. E, alado,
o bando delas, num rumor de plumas,
lá voa em festa, a demandar as brumas
do coração amado.

O rumo encontram, ignorado. E vão...
Mas, tristes ao voltar, choram, suspiram,
e nem querem falar do que lá viram,
no amado coração...

Nascem flores do meu chôro,
mais brilhantes do que sóis;
meus suspiros são um côro
de encantados rouxinóis.

Pois hei-de ir, se não duvidas
terno amor me consagrar,
de florinhas doloridas,
teu cabelo engrinaldar,

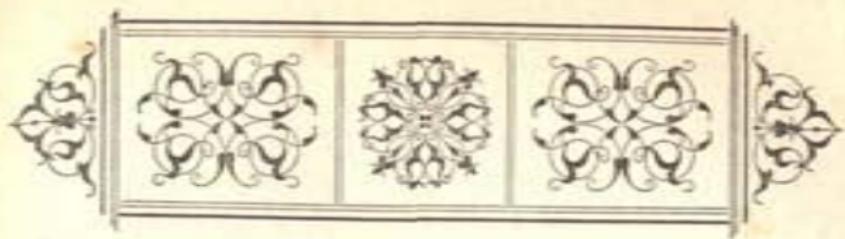
E de noite, às horas graves,
sob o teu balcão em flor,
mandarei cantar às aves
hinos célicos de amor.

*

* *

Era uma estreia o livro donde arranco esta *gerbe* de flores. Comparem-o com os livros de versos que hoje aí aparecem, escritos por autores que já lograram uma dessas consagrações fáceis a que aludi, ou que, pelo menos, são conhecidos — demais... E digam se neste esquecido, como em outros de que já tenho falado, e cuja lira ainda surge entrelaçada de rosas, quando a desenterramos do pó do olvido, não havia mais sentimento, mais arte, mais talento, mais divina inspiração, e sobretudo um pudor, que porventura seria a mais bela, a mais soberana altivez, em zelar a dignidade da poesia no próprio culto apaixonado da sua beleza, olímpica e doce...





XIII

ALFREDO SERRÁNO

FALANDO de Alfredo Serrano, recordo a minha própria mocidade. Quando êsse rapaz do meu tempo, da minha geraçāo, do grupo dos meus camaradas literários, no qual, felizmente, poucos faltam, publicou a sua primeira obra, um livro de versos, *Manhā dourada*, acabava eu também de perpetrar a minha estreia, a qual, para não fugir às praxes, fôra igualmente um livro de versos, abençoadamente ignorado. Diga-se a verdade: o do Alfredo Serrano também não era feliz, e com a circunstância grave de êle ter saído em condições diversas do meu. Com efeito, eu chegava à arena das letras inteiramente obscuro, inteiramente desconhecido, sem o patrocínio de nenhum consagrado, sem conhecimentos na imprensa, reduzido à confraternidade literária de dois ou três amigos, tam desconhecidos como eu. Alfredo Serrano, que se salientara no meio académico, que

* * *

era um ídolo de estudantes, tinha-se abalançado à emprêsa de promover a consagração de João de Deus. O seu livro, prefaciado por Teófilo Braga, saiu quando o seu nome andava em todas as bôcas. Foi isso o que o prejudicou. Alfredo Serrano, que tinha uma alma de poeta, não era um artista nos seus versos. Ele mesmo o reconheceu pouco depois, dedicando-se à prosa, em que manifestou excelentes qualidades de escritor.

*
* * *

Antigo aluno da Casa Pia, pobre, vivendo, creio, sem nenhum carinho familiar, Alfredo Serrano nunca assumiu as aparências dum torturado da vida. A sua vivacidade era um estímulo para todos que se lhe acercavam. A sua alegria era contagiosa. Na realidade, ele atravessou a vida sorrindo. Dava lições, escrevia em jornais, preparava o seu novo livro, com a esperança dum futuro que, afinal de contas, todas as suas ilusões atraiçoou. Mal chegava o verão, Alfredo Serrano não pensava senão em fugir de Lisboa. Tinha muitos amigos na província, e todos êles o convidavam a passar algum tempo em sua companhia. A maior parte eram padres. Foi assim que Alfredo Serrano colheu as impressões paisagistas do seu livro de prosas, foi assim que estudou a simplicidade da vida aldeã e conseguiu fixar tipos cristalinos como os que rebrilham de candura honesta na galeria de Júlio Dinis.

Esse livro apareceu, enfim, três anos depois da sua estreia de versos. Intitula-se *Horas de Sol*. É um dos livros mais sáos, mais enternecidos, mais claros da moderna literatura portuguesa. A simplicidade é o seu supremo encanto. Bem difícil era, todavia, o culto dessa simplicidade quando passava, fazendo tinir os guisos do *réclame*, a farândola desgrenhada do simbolismo, do decadentismo, do exotismo, de quantas mistificações da arte, em *pastiches* extravagantes, conseguiu fazer florescer entre nós, nessa época, em todos os seus aspectos, o charlatanismo literário. Alfredo Serrano manteve-se num vivo protesto contra essa especulação ridícula. Ele bebia em Vieira, em Manuel Bernardes, em João de Deus, em Camilo, a inspiração da sua linguagem bem portuguesa e bem sentida. Não conhecia outros mestres, nem aceitava outras escolas. Os tempos passaram. Da obra desvairada de simbolistas, decadentes e nefelibatas, ficaram apenas relâmpagos de talento, irradiando, dos que tinham realmente talento, e que, como Eugénio de Castro, abandonaram essa falsa arte de lantejoulas e de ouropéis para procurarem, nas grandes e claras fórmulas da verdadeira arte, o segredo divino da emoção e da beleza. E o livro de Alfredo Serrano, que todos podem ler, hoje como ontem, amanhã como hoje, permanecerá sempre como um quadro flagrante da nossa terra e uma revelação fiel do espírito do nosso povo, do temperamento da nossa raça.

* *

Alfredo Serrano foi a alma da consagração a João de Deus, porque foi êle que interessou a Academia na grande manifestação projectada. Nunca esquecerá a sua actividade, que deu em resultado uma homenagem única em Portugal. Quem, tendo assistido, tendo tomado parte nessa homenagem, a poderá esquecer? Ela foi em Portugal a reedição da apoteose feita a Vitor Hugo. E foi doce e foi grande, porque, como à de Paris, as lágrimas do génio a sublimaram. Quando o velho Hugo viu assomar ao longe a multidão inumerável que ia saudá-lo, multidão que era Paris inteiro, que era a França, a sua emoção trasbordou em lágrimas. Nós vimos também correr as lágrimas de João de Deus quando lhe beijávamos as mãos entre as flores que o rodeavam. Não há nada de verdadeiramente grande, doce e espiritual que não tenha nas lágrimas a sua expressão mais bela. No coração dos povos essas lágrimas caem, como pérolas, que procuram o seu melhor escrinio.

Quem desencadeara essa torrente de admiração pública, o criador dessa apoteose, fôra um moço estudante, que apenas tinha por si a fôrça de um grande coração e de uma nobre inteligência. Fôra êle, desconhecido na véspera, que promovera êsse primeiro acto de elevada justiça prestada ao génio em terra portuguesa, e que, infelizmente, não se

* * *

tornou a repetir. Fôra êle que realmente redimira êste povo do opróbrio de deixar morrer, obscuramente, Camões, levantando, num pedestal de aclamações de todo um povo, o purissimo génio lírico de João de Deus, e mostrando assim que se a nossa raça pode, por vezes, esquecer a glória, nunca olvidará o amor, que é a essênciâ do seu sentimento imortal.

*
* *

Um dia, Alfredo Serrano desapareceu de Lisboa. Fôra para a Áustria, como preceptor dos filhos do Sr. D. Miguel de Bragança. Só passados bastantes anos o tornei a ver, muito embora, nesse interregno, tivesse vindo a Lisboa, acompanhando os filhos do pretendente proscrito, que procuravam, clandestinamente, conhecer a Pátria de seus avós.

Quando eu o vi, Alfredo Serrano regressara, creio que definitivamente, a Portugal. Nas suas viagens, o seu espírito artístico desenvolvera-se e cultivara-se. Atraiam-o as maravilhas dos museus. Fizera uma sólida educação de arte. Foi então que realizou na Sociedade de Geografia uma ou duas conferências sobre pintores célebres, conferências que foram muito apreciadas e que demonstraram mais uma vez o alto valor do seu espírito.

Quando Alfredo Serrano voltou a Lisboa, perdera por completo o seu antigo aspecto boémio. Vestia com extrema elegância; vagamente me constou que

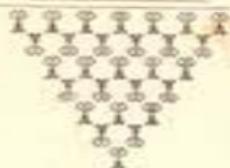
o pretendente lhe dera um título de conde, que ele teve o bom gôsto de nunca invocar entre nós. Foi, afinal, o que tirou dos longos anos em que exerceu o seu cargo de preceptor de príncipes: algumas casacas bem talhadas, esse quimérico título, e várias viagens que lhe permitiram visitar os seus queridos museus, porque quanto aos seus honorários, ao que me garantiram, o Sr. D. Miguel votou sempre uma desatenção que chegou ao olvido completo.

A sua elegância, a correção das suas maneiras, o cultivo do seu espírito, a permanência num meio de corte, não afastaram nunca Alfredo Serrano do seu velho amor à paz bucólica da terra portuguesa, aos doces aspectos da sua paisagem, aos seus tipos, aos seus costumes cêndidos. A última vez que o vi, disse-me ele:

— Podes acreditar que a única cousa que ambitiono é ter o bastante para poder viver numa linda aldeia do Minho!

Foi a última vez que o vi. Passados tempos soube que tinha partido para a Itália — e um dia chega a Lisboa a desoladora notícia de que morrera, longe da sua terra, longe dos seus amigos, num hospital de Bolonha. Tam novo! Tam inteligente! Tam franco e tam alegre! Para mim, a notícia da sua morte foi como a quebra dum elo — porque a nossa vida forma-se desses elos de amizade, de estima, de camaradagem, e os que se formam na juventude são os mais preciosos de todos êles.

O seu corpo veio para Portugal. Está aqui, na sua linda terra portuguesa, que ele tanto amava, e o seu nome, se esqueceu ao grande público que algumas vezes foi forçado a atentar nele, pelo esforço da sua tenacidade e do seu talento, encontra-se bem vivo nos corações de alguns dos seus amigos que triunfavam com os seus triunfos e resplandeciam com a sua mocidade.



XIV

MANUEL CARDIA

HÁ doze para treze anos, fundava-se em Lisboa uma publicação de critica que, segundo julgo, não deixou de ter uma certa influência no nosso meio literário e artístico. Essa publicação foi a *Revista Nova*. Ela devia ser um centro de ralliement dos artistas novos, orientados por uma noção de verdade e de perfectibilidade social, e ao mesmo tempo uma barricada de combate contra o indiferentismo dos consagrados em presença dos ideais que norteavam o pensamento, e contra as falsas consagrações que rebaixavam a própria dignidade da arte. Formara-se de esforços convergentes. Comigo e com Fernando Reis, meu velho colaborador dos *Vermelhos* e do *Caminho do sol*, estava uma pléiada generosa de rapazes, que nessa ocasião davam a *O Mundo*, a cuja redacção eu pertencia, um brilho de arte nos seus protestos ardentes de revolta. Pensávamos em fundar uma revista que fôsse o órgão

das nossas rebeldias e das nossas esperanças. Mas, em Coimbra, João de Barros, então estudante da Universidade, nutria, com vários camaradas, como Tomás da Fonseca, Lopes de Oliveira, Álvaro de Castro, João de Deus Ramos, um pensamento igual. O mesmo sucedia com outros rapazes dêsse tempo, que principiavam as suas campanhas das letras. Dêsses, os mais ardentes eram José da Costa Carneiro e Manuel Cardia. A identidade dos nossos propósitos reuniu-nos, decidindo fundir numa só todas essas revistas em projecto. Foi assim que eu conheci o intelligentíssimo rapaz que, um ou dois anos depois, tendo-se já afirmado uma organização excepcional de jornalista moderno, havia de liquidar com uma bala, disparada em pleno peito, uma aventura de amor.



Ninguém, com mais entusiasmo do que Manuel Cardia, se dedicou à fundação da *Revista Nova*. Os ardores da luta apaixonavam o seu espírito em flor. A *Revista Nova* nasceu sob a sua aura de paixão. A sua combatividade sugestionava-nos. Nas páginas da *Revista Nova* há excessos. Não tenho dúvida em o reconhecer. ¿Mas não serão êsses excessos, porventura, que põem uma nota de maior encanto nestas campanhas da mocidade? As ideias nascem entre os fragores das batalhas. ¿A grande renovação literária da Alemanha, de que Schiller

* * *

foi a alma, não ficou conhecida pela designação fri-sante de «periodo de assalto e de irrupção»? O côro da avançada dos Românticos, em França, não será o *charivari* colossal da primeira representação do *Hernani*, onde feria a vista, como uma bandeira de revolta, o *gilet rouge* de Théophile Gautier? Nós comprazíamo-nos na visão dum impeto igual. Daí os excessos que esmaltam as páginas da *Revista Nova*, toques de clarim desencadeando as cargas do sarcasmo e da indignação, em que todavia se apercebiam, como clareiras de tranqüilidade harmôniosa, os versos de Silvio Rebêlo, de Nunes Claro, de João Lúcio, de Fausto Guedes Teixeira, ou as páginas da prosa limpida de Eduardo Perez, da emoção panteista de Martins Figueira, ou de lirismo apaixonado de João Grave.

O grupo que colaborou na *Revista Nova* seguiu caminhos diversos. De entre os rapazes que o compunham, uns enveredaram para a ciência, outros para a educação, outros para a diplomacia, outros para a política. Manuel Cardia derivou para o jornalismo — e foi na imprensa diária que ele firmou uma inolvidável reputação.

*
* * *

Foi ele, com Santos Tavares, outro espírito de artista, quem iniciou em Lisboa a reportagem moderna, sobretudo no modelo da *interview*, em que, lá fora, vários profissionais da imprensa se tinham

afirmado mestres. Até então, a reportagem em Portugal consistia únicamente na resenha sorna e monótona dos factos. O temperamento literário de Manuel Cardia, a sua elevada cultura artística, transformaram esse relato incaracterístico numa expressão de vida e de beleza. Cada *fait divers* passou a ser um trecho dramático, como realmente o é na vida corrente. Há uma personagem de Daudet, o poeta *raté* D'Argenton, que diz constantemente a uma criança que martiriza: *La vie n'est pas un roman!* ¿ Pois que é ela senão um romance? Não lhe faltam nem as paixões que vitalizam o romance, nem os tipos que nele se observam, nem os aspectos exteriores que alimentam o seu descriptivo. Nem podia deixar de ser assim, dado que o romance moderno interpreta a vida. O perpassar dos factos é uma seqüência de capítulos. O jornalismo moderno assim o comprehende, e daf a sua feição literária que cada vez mais se acentua. Antigamente, o jornalismo podia-se fazer secamente, registando esses factos como se alinhavam cifras. Hoje, é impossível, e por isso mesmo a cultura literária do jornalista se torna cada vez mais indispensável. Um jornal tem de viver a vida: sorrir, clamar, prantear; ser espelho e acção, fotografia e realidade, alma e nervos, coração e pensamento.

Manuel Cardia foi, com Santos Tavares, o iniciador dessa reportagem moderna, sob as altas inspirações de um dos maiores espíritos que em Portugal possuem a noção dramática da vida: Raúl

Brandão. Foi nesse campo que ele assinalou as qualidades que o distinguiam. Algumas das suas reportagens, das suas excursões, são modelares no género. Uma delas, em que descreve uma visita à Tôrre do Outão, ficou como uma página de arte — escrita a correr, na vertigem da composição imediata, demonstrando êsses atributos da improvisação súbita que revelam, porventura, no jornalismo a melhor escola em que se podem adestrar os prosadores.

*

* * *

Mas Manuel Cardia, sendo um alto espirito literário, era também um doente. Já uma crise de neurastenia o assaltara, exigindo cuidados especiais. O seu olhar era incerto, os seus gestos hesitantes e sacudidos. O nervosismo que o caracterizava manifestava-se a cada passo. Por vezes tinha horas de desalento em que uma pesada melancolia o esmagava. Era um temperamento disposto para as catástrofes. Por isso, quando a notícia do seu suicídio correu em Lisboa, ela amargurou os que o conheciam, mas é natural que os não surpreendesse, como não me surpreendeu a mim.

Hão-de passar tempos antes que, em cada rapaz que se vota às seduções das letras em Portugal, deixe de alvorecer, com os sonhos de glória, a disposição romântica. Manuel Cardia era um romântico pelo coração, um verdadeiro romântico de 1830,

muito embora o seu espírito crítico contra isso protestasse. O romantismo dá a paixão, o amor, a inclinação para a aventura. Por isso mesmo aos olhos dos rapazes de vinte anos, ainda não conhecendo a vida, que apenas procuram embelezar, facilmente os sentimentos falseiam a verdadeira visão das almas. ; Manuel Cardia matou-se por uma mulher que o não amava, que nem mesmo por ele sentirá um capricho momentâneo, a quem ele porventura nem mesmo falara de amor — uma *cabotina* de opereta, que naturalmente só viu, com vaidade e pasmo, que o seu prestígio de comediante podia realçar-se com a aventura dêsse escritor moço e estrangeiro que se matara por ela, como um fanático se imola aos pés de um ídolo impassível e triunfante!

Morreu — em plena aurora de mocidade generosa e comovida. Morreu, como flor calcada pelo pé brutal da realidade que passa. Morreu, provando mais uma vez que o amor é irmão da morte e que só nela exprime a sua emoção mais viva, como o cisne, quando ela o estrangula, solta o seu canto mais harmonioso e mais sentido.



XV

FELIZARDO DE LIMA

Joaquim Felizardo de Lima Pereira da Silva — eis o seu nome todo. A sua raça era aristocrática, como a de tantos dos mais intrépidos, audazes e generosos apóstolos ou lutadores da Revolução Francesa. O mesmo fogo devorava o seu espírito. Todavia, foi sempre obscuro, mesmo em vida, mesmo quando o seu nome era conhecido de todos os republicanos portugueses. Porque não dizê-lo? A maior parte desses republicanos considerava-o quase um louco. O que dele se contava fazia sorrir. Tinha duas filhas, a quem registara com os nomes de *Liberdade* e *Marselhesa*. Na realidade êsses nomes eram os das suas mães espirituais. Felizardo de Lima era um filho da Liberdade e da *Marselhesa*. A grande ideia alimentara-lhe a consciência; a marcha heróica alimentara-lhe o espírito de revolta.

Viveu pobre, conheceu a miséria — e jamais duvidou do triunfo do seu ideal. Ele tinha sido um dos

que primeiro clamaram a palavra *República* em Portugal, dando-lhe toda a expressão duma aleluia de resgate. Quando ele a clamava, raros eram os que se atreviam a balbuciá-la. Fundou um jornal, a que deu logo, como título, expressivo, vigoroso, ardente, o nome de *República*. Ao mesmo tempo, ensinava-a. Era professor. Muitas vezes na sua casa não havia lume: mas no seu peito nunca se apagou o braseiro de ideal em que o seu espírito resplandecia. ¿ Era um louco, um visionário, um sonhador? A sua loucura previa o futuro. Ele era o vidente da lógica do progresso, dentro do aparente desvario que a sua exaltação denunciava.



Todavia, êste propagandista obscuro, êste louco, era tanto a personificação da ideia em marcha, que onde ele surgia ela desde logo parecia irradiar e cantar. Um exemplo o comprova. Após o *ultimatum*, enquanto Lisboa rugia nos ímpetos da revolta, o Pôrto conservava-se aparentemente alheio à comoção nacional. Era, todavia, ali que essa emoção se havia de afirmar mais tarde na explosão dum protesto máximo. Era aí que, pela primeira vez, a bandeira da República havia de ser desfraldada nos ares, já com as cores vermelha e verde que um dia haviam de ter a consagração nacional. Esse alheamento fortalecia assegurâncias da realeza. Como ela se

iludia! Ele significava, na realidade, as premeditações da revolução.

Por isso mesmo, enquanto em Lisboa as manifestações patrióticas se sucediam a toda a hora, no Pôrto só uma dessas manifestações se realizou, e essa manifestação foi o prólogo da insurreição. Quem a desencadeou? Felizardo de Lima.

Foi em Setembro de 1890. Acabava de cair, no Parlamento, com a pateada vingadora que iniciara o deputado republicano Dr. Manuel de Arriaga, o célebre e ominoso tratado de 20 de Agosto. No café Suiço, do Pôrto, estavam reunidos muitos republicanos. Estavam ali estudantes, literatos, jornalistas, homens de ciência, como Alberto de Oliveira, Ernesto de Vasconcelos, João Chagas, Júlio de Matos. A indignação refervia em todos os peitos. Nisto, entra no café Felizardo de Lima, esquálido, pobre, de fato coçado e olhos em brasa. Todos se levantam e soam dois gritos. O primeiro é: «Viva a República»! O segundo é: «Para a rua»! Fôra a aparição daquele homem que dera uma fórmula a todos os sentimentos sobreexcitados. Fôra ele que aparecera — como um símbolo do ideal, como uma imagem de acção.

Pobre, esquálido, de fato coçado e olhos em brasa, da figura desse homem obscuro, da figura desse «louco» irradiava a evidência formidável da verdade. Não proferiu uma palavra — e todo ele era eloqüêncio. Falavam, gritavam, rugiam, a evocação da sua vida, o aspecto da sua miséria, a chama do seu sonho,

a sublimidade do seu sacrifício, a aurora da sua esperança. A História está cheia destas aparições. Umas vezes são as dos vivos; outras vezes são as dos mortos — como aqueles cadáveres de fuzilados que o povo de Paris, em 1848, conduziu numa carreta encharcada em sangue, entre lanças e espadas, à luz dos archotes e a bradar: *Vingança!*

*

* * *

A manifestação que a presença de Felizardo de Lima desencadeara foi dispersa, à cutilada, pela guarda municipal, depois de ter atravessado, cantando a *Marselhesa*, as principais ruas do Pôrto. Esse sangue foi secundo. Meses depois a revolução estalava.

Felizardo de Lima aparece nela. É um dos últimos que se encontram na Câmara Municipal. Prendem-no. Julgam-no em Leixões. Quasi não há necessidade de o interrogar. Pois tudo nele não clama: *República?* *Revolução?* Condenam-no a dois anos de prisão. Julgam, porventura, ao vê-lo tam fraco, tam velho, que não é necessário mais para que da prisão monárquica passe à eterna prisão: a sepultura.

Restituído a liberdade, Felizardo de Lima continua na sua faina. Ele é sempre o mesmo. Tem um ar profético! É um apóstolo violento, como os das primeiras idades do cristianismo. No fundo uma criança. Mas uma alma sublime!

260

Eu conheci Felizardo de Lima em 1894. Revolucionário à *outrance*, as suas simpatias propendiam para os radicais de Lisboa. Realizara-se aqui um congresso republicano. Felizardo de Lima e eu éramos congressistas. Foi um congresso que, afinal, não chegou a funcionar. Proíbiu-o João Franco, quando já estava reunido, e Eduardo Abreu só pôde dizer aos seus correligionários: «;A ordem do dia, hoje e sempre, é a proclamação da República!» Felizardo de Lima e eu, que juntos nos dirigímos para o local do congresso, nem chegámos a assistir a este episódio, porque nos demoráramos um pouco.

Só me lembro que, nessa noite, numa sala da rua Nova do Almada, onde nos reúniamos, Felizardo de Lima, saltando para cima dum cadeira, sacudindo os cabelos brancos, agitando o pescoço magro, invocou diante de nós, tam depressa num êxtase como num delírio, a visão amada da Revolução, e esse perfil mesquinho do Blanqui português parecia agigantar-se, avultando nas proporções do seu grande sonho, enquanto as suas mãos descarnadas se erguiam como se brandissem punhais vingadores, como se agitassem uma bandeira vermelha...

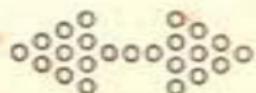
*

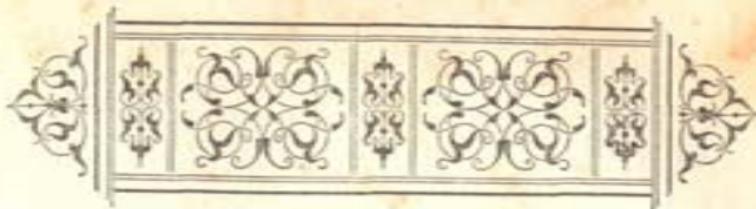
*

*

Ah! estes homens tinham força. Eles pertenciam à falange dos utopistas, dos sonhadores, dos loucos... Eles podiam despertar um sorriso; muitas

vezes provocavam um encolher de ombros. Mas êles venceram, êles hão-de vencer sempre; e quando se constata que são êles que empurram a humanidade para a frente; quando, em cada página de história, embora desvanecida, se encontra o carimbo da sua acção; quando se realizam os seus sonhos e um grande sôpro de rebeldia revolve multidões desconhecidas — nós julgamos ver a figura de todos êles, movendo-se em sombras difusas ou transparente nas labaredas dum incêndio, e não podemos eximir-nos a confessar que o mundo é dêles, que são êles que fazem a História, e que os grandes ideais têm neles as suas mais vivas, mais poderosas garantias de triunfo.





XVI

NUNES CLARO

*D*os esquecidos de que tenho falado todos descansam já na terra, onde se aplacam todas as paixões e finalizam todas as dores. Só dum não sei se ainda vive: José Newton; mas os longos anos do seu silêncio levam-me à convicção de que, se a sua vida se não extinguiu, ele próprio estrangulou o seu estro de poeta, e poeta como raros o têm sido em Portugal. Hoje, pela primeira vez, falo de alguém que, felizmente, está vivo e bem vivo, quer como homem, quer como espírito; de alguém que se deixou esquecer, mas que pode, dum momento para o outro, conquistar, mais do que a atenção, a admiração de todos os que, no nosso país, amam as manifestações puras da beleza na harmonia dourada da poesia. Agora mesmo tive ensejo de ler um soneto de Nunes Claro, transcrito dum jornal da província, onde a sua modéstia o escondeu. ; É um dos mais formosos que se têm escrito em língua portuguesa! Para mim,

ele foi como uma música triunfal soando entre deslumbramentos de aleluia. Nunes Claro escrevera-me, há tempo, por causa duma referência ao seu nome nesta série de evocações em que tantas vezes revolvo as cinzas da saudade. Dizia-me que havia «os mortos esquecidos e os vivos que se enterraram». Os poetas, como ele, gozam do privilégio dos deuses, que, logo que queiram, podem quebrar as lajes do seu sepulcro e resplandecer ao próprio clarão do sol que os envolva.

Assim, neste momento, eu não exprimo uma saudade, que se misture com as flores entrelaçadas nas coroas das minhas velhas admirações. Exprimo um sentimento de esperança no vivo preito que a minha alma me inspira.

Falo dum poeta que, momentaneamente esquecido, mercê do seu injustificável retraiamento, pode, se o quiser, afirmar-se como um dos artistas de maior destaque da nossa terra; conquistar, dentro em pouco, uma legítima consagração. Não espalho goivos sobre uma campa, não ilumino uma obscuridate imerecida. Solicito, requeiro a um grande espírito de poeta que não deixe de iluminar as letras portuguesas, de vitalizar o génio nacional.

*

* * *

Era na redacção duma dessas revistas de arte em que usualmente gastamos a nossa mocidade, no mais improíscuo dos esforços. Chamava-se *D. Qui-*

xote, essa revista, e tomara o nome do lendário cavaleiro da Mancha, como lema do seu ansioso combate pela entrevista justiça que o enlouquecera e lhe dilacerara o esquelético corpo, retalhado por todas as asperezas da vida. A revista extinguiu-se, como cedo abatem as chamas que não encontram combustível que as alimente — combustível que neste caso seriam apaixonadas almas que abrasasse; mas o irrequieto grupo que a fundara, e no qual se destacava, vivo, exuberante, esse flagrante caricaturista que é Leal da Câmara, teve pelo menos o grato prazer de ver acudir ao seu apelo para os combates da Arte e do Direito um bando de inteligências jovens que ali primeiro se afirmaram e robusteceram. Foi aí que pela primeira vez me caíram nas mãos uns versos de Nunes Claro, então quase uma criança, mas cuja alma entoava, nos iniciais ensaios do seu canto, poderosas notas de clarim.

Os versos de Nunes Claro que o *D. Quixote* publicou eram excertos dum livro — o sempre projectado primeiro livro — a que ele dava o título de *Charcos*. Eu mentiria se dissesse que eles se não ressentiam da incoerência que acompanha a explosão de tais auroras. Mas, desligados ou não, esses punhados de poesia em que ele nos arremessava as suas primeiras impressões e protestos tinham um tal sabor de juventude, corria neles um tal frémito de entusiasmo, que nunca os liamos sem nos entusiasmarmos também e sem que nos possuisse igualmente a ânsia da vida que dêles dimanava. Umas

vezes, uma ironia sublevada agitava os seus brados liricos. Dizia êle:

Encontrei um visionário,
grande poeta do amor,
que andava a ver se um canário
queria ser seu editor.

Eu por mim, — digo-o de sobra —
não me quero eternizar...
Queimarei a minha obra
no fogo do teu olhar!

Outras vezes, um amargo *spleen* traduzia-se, como é próprio dos dezóito anos, em violentas exclamações de sentimento ferido:

Vinde espreitar, ilusões!
Tirai a vista do espaço!
A minha alma é um palhaço
que anda aqui aos trambulhões.

Lá está a rir, lá a vejo!
Lá a vejo a rir, coitada!
Mas é um rir de alvaiada
no vermelhão dum desejo.

E ainda outras vezes o amor cantava as suas mágoas na linguagem murmurante das correntes:

Tinha uma lira escondida
no coração duma flor,
feita de fios da vida
e as cordas do meu amor!
E uma andorinha atrevida,
um passarito traidor,
roubou-me um fio da vida
p'ra o ninho do seu amor!

Mas a mais interessante peça da colaboração de Nunes Claro nessa revista de tam breve existência foi uma rajada de versos que êle desprendeu sobre a Espanha, quando a imprensa comunicou ao mundo a morte, numa cilada, do general Maceo, o herói da revolução cubana. Leal da Câmara desenhou uma violenta página em que um vigoroso cubano, semi-nu, despedia ao ar, com pontapés aplicados *en su sitio*, o general espanhol Weyler, a quem se atribuiu a responsabilidade dêsse acto, e Nunes Claro bradava indignado:

Foi uma tirania, um roubo, uma emboscada!
 Foi preciso que o Crime desse a negra espada,
 e os seus negros canhões,
 e a Noite o que possui de escuro e de ruim,
 desde a alma de Nero à alma de Caim,
 desde as garras do vício às garras das traições!

Foi preciso descer! Foi preciso baixar
 a essa vil traição, infames! para esmagar
 o inquebrantável réu!

Foi preciso descer essa descida aberta
 que vai do anão que mata ao grande que liberta,
 de Weyler a Maceo!

Eu disse: a mais interessante das colaborações de Nunes Claro no *D. Quixote*—pelas conseqüências que derivaram da publicação desta poesia. O proprietário da revista era um sujeito que, nutrindo amizade pelos seus principais redactores, estava longe de comungar nas suas ideas. Sucedia, além disso, que tinha conhecimentos no consulado spa-

nhol. É de presumir a impressão que estes versos vibrantes, porventura excessivos, mas que a paixão do momento amplamente explica, teriam produzido entre os funcionários do consulado, que eram, creio, assinantes da revista. O caso é que o proprietário do *D. Quixote*, no número seguinte, desligava-se da publicação — alegando que a Espanha lhe tinha exigido explicações!

* * *

Mas, pôsto de parte este pormenor anecdótico, parece-nos que essa colaboração, tam animada dum vivo espirito de originalidade, deixou Nunes Claro bem definido, nas principais características do seu temperamento literário que, se depois se apurou, de forma alguma tentou modificar-se. Lírico, amoroso, revolucionário, essas três grandes cordas da Poesia encontraram nele a mão predestinada e hábil que as sabe desferir. Depois dessas épocas incipientes do *D. Quixote*, que desaparecem numa bruma de muitos anos, a sua orientação precisou-se: novos, dilatadíssimos horizontes se abriram à sua visão interior; a sua forma faceou-se com maiores perfeições; mas nessa *Oração da Fome*, que tam alto bradou os seus corajosos ideais, encontra-se ainda a mesma pena que, molhando-se nas tintas da revolta, parece encontrar-se

«O»

no seu mais predilecto meio e no seu necessário elemento:

Fala-se em Deus, e que é do seu regaço
que vem a vida e todo o trigo vem;
mas vejo a enxada estar só no teu braço,
e o grão cair das tuas mãos, também.

Só tu semeias, tu; e só contigo
vive a terra. Tu só cavas o chão,
— e diz-se que foi Deus quem fez o trigo,
e diz-se que Deus é quem dá o pão!

Tira-se o pão à vida — o pão da vida!
E não se vê atrás do trigo mudo,
a dor humana, eternamente erguida;
o gesto humano, dando força a tudo!

*

* * *

Quem vê Nunes Claro adivinha a sua alma de bondade, mas não suspeita o seu ímpeto de lutador. Falar-do com êle, fixando-o bem, mesmo durante espaço que baste para a observação doutro indivíduo, di-lo-heis simplesmente o que êle é, com efeito: um tímido; mas não poderieis calcular que sob a sua timidez resida tanto protesto. Na lenda e na história abundam essas figuras juvenis, de que Hugo fez o tipo de Jean Prouvaire, e que se afiguram só com lábios vermelhos para os beijos do amor — não com a bôca candente para as apóstrofes da insurreição. Nunes Claro canta uma flor, exprime um afecto com

candura e ingenuidade, e com a mesma candura e a mesma ingenuidade apostoliza essa *levée de boucliers* que deve ser a cruzada dos poetas contra as infâmias e as opressões que em todo o mundo reínam, e esmagam ou deprimem as consciências. A intuição da pureza dos sentimentos, a visão íntima da imaculada alvura da alma, produzem nestes lutadores de princípios belos e nobres não sei que casto retrântimento, que melindroso pudor, que os afasta das declamatórias exposições de ideais, tantas vezes artificiais como a sua charlatanesca proclamação. É por isso que nos tímidos há tanta força; é por isso que nas horas das afirmações raro se vêem morrer heróicamente os que durante longas campanhas retóricas o prometem e asseguram, e sobre as calçadas se vêem caídos outros cujo nome ninguém conhece, mas que foram os únicos a aparecer para cantar, sorrir e morrer!

*

* *

Porque é isto? Porque só os verdadeiros poetas cometem a loucura — que judiciosamente os espíritos ponderados lhes exprobam — de se sacrificar na ânsia embriagadora do próprio sacrifício. E Nunes Claro é um poeta. Notava-se essa qualidade soberana nas suas próprias incorrecções. É, sobretudo, nessas incorrecções que eu descubro o génio ainda indeciso dos poetas. Temperamentos que se evadem

à materialização da vida, ¿ como não hão-de evadir-se aos estreitos limites da metrificação de Castilho?

Ritmos e imagens, para serem vivos e sentidos, têm de caracterizar-se pela insurreição que encerram. Eu não comprehendo um poeta que não seja um revoltado, porque a poesia é já na sua essência um albergue de insurreições. Vasto, luminoso âmbito, sem fronteiras, porque nem os horizontes lhas limitam, e onde são lícitas e formosas as mais largas revoadas do espírito.

É desta raça de poetas — o poeta Nunes Claro. Nos seus cantos há sempre uma nota vermelha, uma exclamação bárbara, um *frisson* novo, oriundo da Vida como o de Baudelaire se transmitia do artificio e do sonho. Novo ainda, abre-se-lhe, nas comoções d'este jovem século, dilatado campo de idealizações e conquistas. Mas se a sua lira não continuar bradando a generosidade do seu coração e a harmonia da sua arte; se o estímulo da admiração em que comungam todos os seus amigos não vencer os desalentos do seu espírito; se êle tiver de ser, como tantos outros de raro talento e nobre emoção, definitivamente um *esquecido* — eu é que não olvidarei nunca o pálido poeta que um dia apareceu na pequena sala da nossa revista, possuído de tanta fé na Vida e no Amor que até chegava a jurar

que o Amor, inda na morte,
faz as caveiras falar!

XVII

GUILHERME BRAGA

É realmente um esquecido? Para nós não o é. Mas nós — eu, e muitos dos que já dobraram ou estão prestes a dobrar o cabo dos quarenta anos — não pertencemos já à geração que vai assentando em pedestais de glória os seus ídolos. Guilherme Braga morreu há mais de quarenta anos. A sua carreira de poeta foi brilhantíssima, mas foi rápida. Dir-se-ia uma dessas *étoiles filantes* que Béranger cantava nos seus versos repassados de invencível melancolia, cruzando num sulco de luz o firmamento sombrio e parecendo envolver na sua passagem o segrêdo dalgum destino...

Não o esquecemos nós que o lemos com transportes de paixão. Nele brilhou o que raro tem brilhado em poetas portugueses — o fulgor do génio. A poesia portuguesa é repleta de sentimento. Sabe sorrir e chorar. Mas poucas vezes se alcandora às

—

regiões sublimes do pensamento rebelde, visionário e soberano.

A primeira obra que li de Guilherme Braga foi precisamente a sua estreia: *Heras e Violetas*. Creio que foi a sua estreia. Fiquei deslumbrado. Eu era uma criança, mas o meu espírito formara-se longe do convívio mental dos poetas que enchiham as páginas resignadas do *Almanaque de Lembranças*. Apaixonara-me o velho Hugo. Um dos primeiros livros que eu li foi os *Miseráveis*. Como o li? Numa tontura, não o comprehendendo bem, mas sentindo-o muito. Depois a obra imortal tornou-se a Bíblia dos meus ideais, das minhas aspirações, dos meus enterneimentos.

Foi nas *Heras e Violetas* que eu tive o prazer de encontrar bem definida a impressão que me causara o inigualável mestre — supremo consolador, mas também formidável colosso. Guilherme Braga accentuava o atordoamento em que ficara depois de ler Vitor Hugo. Com que prazer registei a sensação igual, expressa por alguém em quem eu via um discípulo do gigante do Romantismo, como lhe chamou Silva Pinto! Há uma sensação de orgulho quando reconhecemos que pudemos sentir, estremecer, vibrar como as almas dos verdadeiros poetas, dos autênticos homens de talento e emoção. Por um momento reputamo-nos elevados a um nível superior, persuadimo-nos de que somos maiores do que julgamos.

As *Heras e Violetas* são o documento forte dum espírito. E em que momento surgiram! Quando

o ultra-romantismo imperava em Portugal, desonrando o alto génio romântico e reagindo contra a vida nascente do Naturalismo! No meio dessa literatura piegas, a poesia de Guilherme Braga devia ter soado, sentida e estridente, como uma tuba argentina.

*

* *

Pálido, olhos negros, grande cabeleira, bigode de guias pendentes, sorriso levemente desdenhoso... Assim retrata êsse romântico de fina témpera o seu companheiro de lutas, romântico também, e de boa raça, Silva Pinto — o homem dos *Combates e Críticas*. Foi assim que êle lhe apareceu no *Diário da Tarde*, onde o seu esforço em prol da liberdade se irmanava ao de Urbano Loureiro, de Agostinho Albano, de Borges de Avelar, e a que Silva Pinto também pertenceu. Era um tempo de jornalismo de ideias e sentimentos, em que as fôlhas diárias não viviam sómente para explorar uma indústria ou para servir as paixões e os interesses de facções empenhadas apenas em satisfazer baixos rancores, ou servir inconfessáveis ambições. Dessa magnifica tribuna do *Diário da Tarde* jorravam clarões de emancipação e de revolta. Foi assim que o espírito republicano nasceu e se desenvolveu em Portugal — cantado pelos poetas, defendido pelos paladinos, apostolizado pelos tribunos. Não havia mercenários: havia apóstolos. Não havia *condottieri*: havia

* * *

heróis. Não havia arrieiros: havia estilistas. E na suprema beleza construia-se o puro ideal.

Foi dêsse *Diário da Tarde* que rompeu o combate contra a reacção jesuítica no Pôrto. Foi dali que saiu um dia Guilherme Braga para, de cabelos desgrenhados, olhar fuzilando relâmpagos, bradar à hoste negra que pretendia avassalar a liberdade:

Não fazem ninho os milhares
na caverna dos leões!

* * *

Mas essa luta não produziu apenas esse grito ardente do poeta. Guilherme Braga apareceu sempre em frente do fanatismo, proclamando as verdades emancipadoras da razão. O seu *Bispo* é uma sátira formidável. Quando o bispo lança a sua imprecação ao progresso e à liberdade, corre-nos um arripro pela espinha. É grande esse panfleto de admiráveis versos, em que perpassa um raio de indignação juvenalesca.

Portugal tem tido poucos poetas revolucionários. Que aliassem as maravilhas da arte ao fogo da inspiração revoltada só conheço três: Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Guilherme Braga. É uma trilogia sublime. Pois bem! O mais revolucionário de todos foi Guilherme Braga. Porquê? Porque não era só o vate arrebatado nas harmonias da sua lira. Era também o homem de acção. Guilherme Braga — sen-

tia-se nos seus versos êsse heroísmo latente — era homem para cantar e para morrer.

Todavia, eu falei no clarão do génio, e para mim não foi nas suas estrofes revolucionárias nem no seu lirismo apaixonado que êle transpareceu. Entrevejo-o, eternamente fulgurando, numa das suas outras poesias. Essa poesia intitula-se: *No entérro de Laura*.

Ah! Êsse poeta, êsse revolucionário, êsse paladino, era pai — como Vitor Hugo o foi. Quem desconhece os versos liriais que o poeta da *Légende des Siècles* depositou na campa de seus filhos, sobretudo na campa de sua filha, morta na catástrofe de Villequier? Dificilmente se poderá conceber nada de mais sublime. Pois bem! Guilherme Braga traduziu ainda com mais poderosa e fiel expressão aquilo a que Camilo chamou «a maior dor humana». Porquê? Porque Hugo encarou essa catástrofe com olhos de filósofo. Guilherme Braga encarou-a com olhos de pai, sómente. Rugiu. Foi humano, porque se deixou possuir dêsse instinto colérico da fera que vê morrerem-lhe os filhos. Assim, Vitor Hugo resigna-se:

Maintenant que du deuil qui m'a fait l'âme obscure
je sors, pâle et vainqueur,
et que je sens la paix de la grande nature
qui m'entre dans le cœur,

je viens à vous, Seigneur! confessant que vous êtes
bon, clément, indulgent et doux, ô Dieu vivant!
Je conviens que vous seul savez ce que vous faites,
et que l'homme n'est rien qu'un jonc que tremble au vent!

(C)

Je conviens à genoux que vous seul, père auguste,
possédez l'infini, le réel, l'absolu;
je conviens qu'il est bon, je conviens qu'il est juste
que mon cœur ait saigné, puisque Dieu l'a voulu!

Não! Guilherme Braga não se resigna. Guilherme Braga não beija a mão que o apunhalou, e o seu grito é uma dessas blasfêmias sublimes que o próprio crente comprehende, absolve e admira:

Abrem-te a cova e falam-me de esperança!
Bradam o eterno sol, o eterno dia,
e eu vejo sobre ti, pobre criança,
rolar, com som tremendo, a terra fria.

Bem sei, bem sei que foste assassinada
pela benigna mão dum Deus sublime...
Mas se Ele é Deus, e eu verme; é tudo e eu nada,
como queixar-me do espantoso crime?

Posso curvar-me à tórra lei divina,
sem adorá-la, ante o juiz eterno;
mas beijar essa mão que me fulmina,
a mão que me esmagou — não sei, não quero.

Que mal fazias tu, filha inocente,
ao magnânimo Deus, ao Deus augusto?
E Ele, que é bom, matou-te lentamente;
deu-te um suplício atroz, Ele que é justo.

Já três vezes da morte a sombra escura
passara no meu lar — negro recife,
e eis outra vez aberta a sepultura,
mudando o quinto berço em quarto esquife.

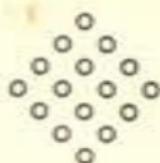
Nos arvoredos, nos beirais das casas,
por toda a parte eu vejo os passarinhos,
e a mãe que exulta, e canta, e bate as asas,
em torno aos fofos, palpitantes ninhos.

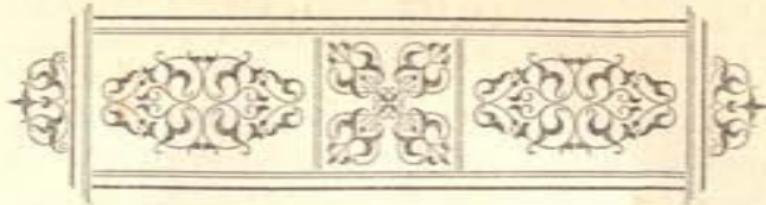
Nadam mil vidas numa gota de água;
do pólen duma flor brotam mil flores;
e ao seio duma mãe dá-se esta mágoa,
e ao coração dum pai dão-se estas dores?!

Dizem que vais viver eternamente,
colher doutros jardins a flórea palma,
e eu sinto apenas a letal serpente,
a dúvida, enroscada dentro d'alma.

Hei-de amar? Mas na sombra da Consciência
não me luzem cá dentro ignotos brilhos...
Hei-de crer? Mas a mão da Providência
tem garras para mim: rouba-me os filhos!

Nada acrescentarei a êste grito soberbo, dos mais belos, dos mais vibrantes que a humanidade aflita tem produzido. Se Guilherme Braga não tivesse escrito senão estes versos geniais, êles bastariam para o colocar a par dos maiores poetas do mundo!





XVIII

EDUARDO PEREZ

OUTRO dos meus companheiros de antigas campanhas literárias que se recolheu a um injustificado retraimento é Eduardo Perez, o prometedor contista da *Vida simples*, o artista feito do *Casal do Caruncho*. Recordando esse meu velho amigo e camarada, implicitamente recordo a aparição do *Inferno* e evoco o grupo insubmissô que colaborou na rápida existência dessa revista de combate. O *Inferno* foi, com efeito, em matéria de critica, uma das publicações que romperam com maior estrondo a monotonia avassaladora e deprimente do chamado *elogio mútuo* que, diga-se em verdade, com transições rajadas de protesto, nunca deixou de florescer em Portugal.

O *Inferno* apareceu em Lisboa em 1896. Era uma apagada época literária. Alguns rapazes, que mal se tinham ainda estreado nas letras, costumavam reunir-se a uma mesa do *Martinho*. O mais

* * *

irrequieto de todos era uma figura interessantíssima, Domingos Guimarães. Está hoje também esquecido das gerações literárias. Não fez uma obra. Exceptuando alguns trechos avulsos de jornalismo, só uma minúscula *plaquette* conserva o seu nome. Intitula-se o *Triste fim dum monstro*. Mas mesmo essa *plaquette* só mais tarde, passados anos, saiu dos prelos numa delicada edição de Aillaud. Naquele tempo, Domingos Guimarães, o *Domingos*, como todos lhe chamávamos, planeava uma obra imortal. Dessa maravilha literária, requintada e forte, apenas saiu a pequenina impressão de piedade e doçura que é o *Triste fim dum monstro*, verdadeiro verme da terra, namorado duma estréla que, rojando-se no pó dos caminhos, levanta olhos de êxtase ao amor e à beleza...

*

* *

Em torno dêste rapaz, que falava uma linguagem idealista e se permitia desprezos de Baudelaire, agruparam-se algumas das mais viçosas inteligências da nossa geração e alguns dos seus mais incansáveis trabalhadores. Àquela mesa do *Martinho*, onde Domingos Guimarães construía castelos de quimeras, sentaram-se Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Afonso Gaio, José Sarmento, Leal da Câmara, Fernando Reis, Eduardo Perez, e, várias vezes, Gomes Leal, então ainda na plenitude do seu génio, honrou a mesa do *Martinho* com os seus paradoxos

scintilantes, deixando, não raro, cair sobre ela a mágica harmonia dos seus versos. Foi daí que saiu o *Inferno*, que primeiro Gomes Leal nos aconselhara que intitulássemos *O senhor Diabo*. Mas um diabo só era pouco para nós, e por isso lhe chamámos o *Inferno*, verdadeiro caldeirão de Pero Botelho onde todos pudéssemos caber.

A redacção do *Inferno* instalou-se num lúgubre casarão do Pátio do Aljube. Era sinistro e apropriado. Leal da Câmara lá desenhou alguns diabos de sofrível fealdade. Ali, à noite, falava-se, conversava-se, discutia-se, mas nunca se escreveu uma linha. Se não me engano, apenas Leal da Câmara escreveu com giz, nas tábuas sujas do sobrado, os nomes de vários consagrados e das suas obras, para que nós os pudéssemos triunfantemente pisar.

Pobre *Inferno!* Como Junqueiro já dissera na *Morte de D. João*, o inferno já estava muito pôsto de parte. O seu braseiro vermelho, terrível, abrasador, apagou-se nas nossas mãos ao cabo de dois números. O *Inferno* dizia cousas graves. Eis a sua legenda: *Num país de mentira e convenção, nós seremos a boca amarga da verdade*. E, para confirmar mais os nossos propósitos tremendos, não hesitáramos bordar na bandeira da nossa revista, como lema sagrado, os versos destemidos de Baudelaire:

O Mort, vieux capitaine, il est temps ; levons l'ancre.
Ce pays nous ennuie, o Mort ; appareillons.
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
nos cœurs, qui tu connais, sont remplis de rayons.

Verse-nous ton poison pour qu'il nous reconforte.
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
plonger au sein du gouffre, enfer ou ciel, qu'importe!
au fond de l'Inconnu pour trouver du nouveau.

O *Inferno* desapareceu ao fim de dois números. Os maldizentes avançarão que só o copioso café que absorvíamos nos tornava a bôca amarga, e não a áspera passagem da verdade, e que nesse mesmo café encontrávamos o veneno que nos devia levar ao desconhecido. Todavia, a revista nascera sob bons auspícios. Tínhamos grangeado a fama de insuportáveis discolos, impedindo que fôssem até o fim, nos teatros, várias obras primas da dramaturgia de então. Tínhamos lacerado, rangendo os dentes, diversos romances, poemas, comédias e almanaques do tempo. Tínhamos mesmo dado provas duma soberba injustiça. O nosso único propósito era demolir. Demolir tudo: o bom e o mau, o belo e o hediondo, o mediocre e o razoável. Logo no dia da saída do primeiro número, à porta do *Martinho*, a revista recebera a sanção gloriosa duma scena de pugilato entre Domingos Guimarães e um literato alvejado nas suas sátiras. Para se vingarem, os inimigos da revista desenharam Domingos Guimarães em figura de macaco, e numa margem do próprio *Inferno* gravaram essa figura irreverente, pondo os exemplares à venda em quiosquês cúmplices. Tínhamos, numa palavra, todos os requisitos para triunfar. Infelizmente, o público não nos compreendeu, talvez porque nos esquecêsemos, aniquilando o trabalho

* * *

dos consagrados, de documentarmos o valor do nosso. É a isto que se costuma chamar «a ignorância do nosso público». O facto é que, ao fim de dois números, passámos outra vez para a mesa do *Martinho*, transpondo a nossa barricada desfeita.

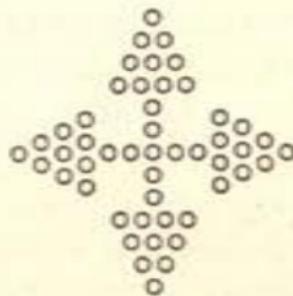
* * *

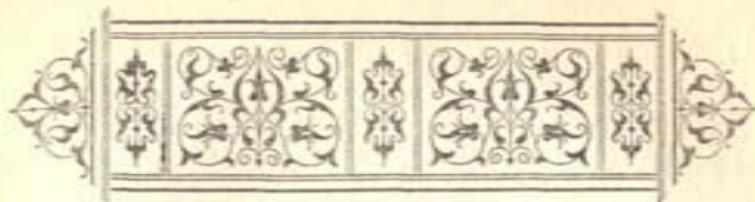
Entre os colaboradores do *Inferno*, o que melhor demonstrou o seu valor literário foi Eduardo Perez, que lá não escreveu uma linha. Eduardo Perez, acabava de publicar a sua estreia: *Vida simples*. Enquanto nós rugíamos imprecações, ele escrevia os seus contos. Já o grande, claro espírito de Mau-passant o seduzira e apaixonara. O seu máximo empenho era a fidelidade na narrativa, a exactidão nos tipos, tudo velado dumha emoção discreta. Os outros tiveram de penitenciar-se de injustiças. Ele não. Verdade, verdade, parecia um serafim caído no inferno, sem ter dado causa a isso com a reedição das revoltas de Satan.

Sempre modesto, sempre tranquilo, Eduardo Perez continuou, desenvolvendo a sua educação literária, robustecendo o seu sentimento, clarificando a sua razão. Seis ou sete anos esteve silencioso, e um dia apareceu com um novo livro: *O Casal do Caruncho* em que já as suas qualidades triunfante mente se afirmavam. Mais de dez anos transcorreram desde que veio a lume o seu segundo trabalho.

¿ Não pensará Eduardo Perez que já é tempo de nos dar um novo livro? O prazo do seu silêncio está excedido.

Dos antigos redactores do *Inferno* todos se arremessaram às lutas, mais ou menos violentas, da literatura profissional. De todos é Eduardo Perez o que está em melhores condições de nos exprimir um sentimento claro, sereno, essa emoção doce e discreta que é o encanto dos seus livros e a característica do seu espírito!





XIX

MARTINS FIGUEIRA

UMA noite, ao entrar na redacção do *Pais* — que fôra dirigido por Alves Correia e então o era por João Chagas — aí pelos meados de 1898, fiquei surpreendido, por ver França Borges (que trabalhava mesmo em frente de mim, na grande mesa onde se alinhavam, diante de espaços iguais, marcados com fundos entalhes na madeira, os redactores do jornal) em amena conversa com um homenzinho de barbicha arruivada, rosto queimado de soalheiras campestres, chapéu desabado, e envolto numa vasta capa alentejana. O desconhecido falava com ar sacudido, brusco; tinha uma estranha vivacidade no olhar; era baixo e magro, e enrolava continuamente estreitos cigarros de tabaco francês. Presumi que fôsse algum patrício do França, vindo a Lisboa para tratar dos seus negócios, necessariamente de lavoura ou cousa parecida. Mas quando

ouvi o singular visitante, que punha uma tam característica nota provinciana na redacção agitada de um jornal de Lisboa, falar, com desembaraço e familiaridade, sobre nomes conhecidos da nossa literatura, discutindo crónicas, versos e peças de teatro, referindo anecdotas, citando casos que só podiam ter sido conhecidos nos bastidores da vida lisboeta em data ainda recente, admirar o Fialho, criticar o Marcelino e rosnar sobre o Silva Pinto, logo fiz dêle uma idea diversa. Não me enganava, porque França Borges, quando a palestra ia mais acesa, e eu já nela metia também a minha colherada, entendeu que nos devia apresentar. Fiquei então sabendo que o campónio alentejano era nem mais nem menos do que um antigo estudante, e redactor de *A Pátria*, o bravo jornal académico que, tendo surgido por ocasião do *ultimatum*, rapidamente adquirira uma larga e entusiástica voga. Chamava-se Martins Figueira, fôra um companheiro querido dos fundadores de *A Pátria*: Higino de Sousa, Brito Camacho, Augusto de Vasconcelos, Luís Serra, José Barbosa, Crispiniano da Fonseca... Um dia abandonara os estudos feitos à la diable, arrancara-se à boémia em que vivia, refugiara-se na sua aldeia, em Alqueva, qualquer cousa como um lugarejo próximo de Portel, segundo creio. Era daí que voltava agora, coagido pela necessidade, e também por instâncias dos amigos, que esperavam alcançar-lhe uma colocação em Lisboa. Alcançaram-lha, dentro em pouco, e

ao que parece, apropriada: empregaram-no como secretário em Rilhafoles. Além disso, um ano depois d'este encontro, tendo a propriedade de *O País*, que já mudara de nome, passado às mãos de outra emprêsa, e tomado o título da antiga *Pátria*, Martins Figueira tornou-se redactor do periódico, sob a direcção do Dr. José Benevides. Ai convivi largamente com él.

*

* *

A boémia, de que Martins Figueira era um representante, pode dizer-se que não existe hoje. Era uma boémia curiosa, porque era exclusivamente literária. Vivia-se de literatura. Tudo que à literatura não se referisse não tinha interesse algum. Na redacção primitiva de *A Pátria* começaram fazendo o seu nome de homens de ciência, de jornalistas, de políticos, alguns vultos superiores da República. Martins Figueira, embora sempre republicano, nunca vira a política senão através da literatura. ¿ As suas ideas eram as mais exactas? ¿ A sua cultura era extensa e metódica? De forma alguma. ¡ Mas que formosa, limpida sinceridade, a da sua rudeza, por vezes injusta, não raro pueril! Enrolando um cigarro entre os dedos, o Martins Figueira era um demolidor tremendo. Não havia nada que não fulminasse o seu desdém. Que sabia él? Que tinha él lido? Que tinha él escrito? Pouco ou nada. Mas o seu

impressionismo realçava-se com uma singular rec-tidão. Os seus próprios amigos o consideravam um destrambelhado, quase um louco. Riam-se das suas *boutades*. Consideravam-no mais um bom tipo do que um rapaz de merecimento. Enganavam-se. Do pouco que Martins Figueira deixou escrito, das suas crônicas das duas *Pátrias*, de *O Mundo* e das páginas da *Revista Nova*, extrai-se uma nota de bucolismo ingênuo, aliado a uma inspiração sarcástica que pode arranhar os nervos, mas que não soa falso. Martins Figueira, se desbastasse as suas imperfeições, se trabalhasse, se estudasse, se evolutisse, teria dado um estilista bizarro, cheio de cambiantes, opulento de ritmos, resplandecente de imagens. Não é necessário mais do que um clarão para deixar adivinhar a luz. No pouco que escreveu Martins Figueira deixou muitos desses clarões.

Lembro-me de um dos seus trechos, que a *Revista Nova* publicou. Intitulava-se *Canção boémia*. Que canção era essa? A singela plangência de um fado, nas hortas, ao cair de uma tarde melancólica. Ele passa entre a monotonia das cousas e dos homens. Vê-se que é um domingo. O misantropo sente-se perdido na multidão, como no areal de um deserto. É o *dimanche d'un jeune-homme pauvre*, em que o grande refratário, criador do Jacques Vingtras, deixou cair uma gota do fel da sua alma? Não. Aqui trata-se de um resignado. Mas a sua inspiração esvai-se, quando muito bruxoleia. Ao

longe é a Arrábida, são searas, prados, casais, a fita prateada do rio, longes de quimera e de sonho. Tudo parece adormecer. Acotovela-o uma turba que se diria de fantasmas. O vinho corre, as guitarras gemem... ¿Quem sabe se o sangue vai correr também; se dentro em pouco se ouvirão, dos recantos obscuros, os ais dos que caem para sempre? Uma voz, a voz do fado, murmura:

Dei um ai, dei um gemido,
que a todos causou paixão!

Para Martins Figueira é a hora do *spleen*; porventura, melhor direi, a hora da nostalgia dos grandes campos da sua terra, da imensa charneca alentejana, onde a hora do poente é de uma tristeza infinita, mas também de uma infinita poesia. Vale a pena viver? ¿A vida vale um ai, vale um gemido?



Tudo isto em dois traços de carvão, com um céu azul por cima. Tudo um apontamento, um esboço, qualquer cousa como a fôlha rasgada de uma carteira, a pétala caída de uma flor. Sente-se o vagabundo, vê-se o boémio. Não o boémio da alegria; o boémio do sofrimento e do tédio. Desequilibrio? A boémia é sempre um desequilibrio, ¿e quem sabe se a arte o não é essencialmente também? Martins Figueira passa os dias em Rilhafoles. Fala com os

doidos. «Às vezes — dizia-me êle — acho-lhes mais razão do que a vocês». Ó *mangeurs d'idéal*, não será assim? Martins Figueira encolhia os ombros perante as nossas lutas. Precisamente porque acreditava na República, nunca o ouvi articular esperanças numa República próxima. ¡Dir-se-ia que adivinhava os adesivos, os conselheiros, os aventureiros, e até os esbirros, e até os delapidadores! Dir-se-ia que pressentia a mentalidade monárquica vencendo os que tinham vencido o trono da monarquia. Era um louco, encolhia os ombros, fazia o seu cigarro, embrulhava-se no seu capote, refugiava-se no seu desdém, no seu *spleen*. Nós ríamo-nos dêle; êle ria-se de nós.

Era um louco? Seria, porque não se eximira ao sonho. Um dia, alguns dos freqüentadores de *O Mundo* lembraram-se de fazer sessões de espiritismo. Questão de passatempo, de brincadeira. Ninguém acreditava no espiritismo. Perdão! Houve alguém que nele acreditou, a despeito de todas as fraudes transparentes, de todas as prestidigitacões inábeis. Foi Martins Figueira. Êle, que afixava rudemente o seu ateísmo, acreditou em todas as traipaças, em todas as mistificações, em todos os artifícios que lhe eram exclusivamente destinados. Ramada Curto, que representava às mil maravilhas o seu papel de médium, logrou convencer Martins Figueira de que, pela sua voz, falava o espírito de uma rapariga que êle, noutros tempos, pensara vagamente em namorar, sem lho haver declarado, e

que falecera havia bastantes anos. Alguém informara Ramada Curto dêste pormenor esquecido do próprio Martins Figueira. E era interessante ouvir então o Figueira, quando findavam as sessões, exclamar, muito surpreendido:

— É curioso! Esta pobre rapariga, em vida, nem olhava para mim, e agora, depois de morta, é esta solicitude, é esta paixão, é este amor...

Quando foi preciso revelar-lhe que fôra tudo uma brincadeira, uma partida, o pobre Martins Figueira teve um grande, um sincero desgôsto.

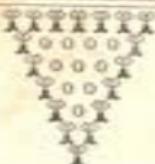
*

* * *

Por uma circunstância, que directamente me não afectava, cortámos um dia relações. E, como êle já abandonara o jornalismo, ficando só com Rilhafoles, não nos tornámos a ver. Foi o último boémio que eu conheci, verdadeiramente digno dêste nome. Abro uma excepção: Lemos de Nápoles, hoje colaborador de *A República*, e que era do mesmo género, sobretudo quando usava as suas longas barbas fluviais, que lhe davam a aparência de um Tolstoi. Por isso também ninguém melhor se entendia com o Figueira; Excelente amigo, bom e cándido espírito! ;Como o do Martins Figueira, como o dos representantes dessa boémia doutro tempo, em que se vivia no sonho, e não se aguçavam as unhas para uma possível curée do futuro! Esses eram



poetas, poetas pela acção, poetas de instinto, poetas de nascença, mesmo os que nunca escreveram um verso, porque a alma de Villon cantava no peito de todos êles, tocando nas misérias de cada dia para as dourar com as quimeras de toda a hora...



XX

SILVA PINTO

PASSADOS dez anos sôbre a publicação dessas rápidas, desalinhavadas notas, evocando os *esquecidos* da arte, da política, das lutas sociais, das quimeras em que a tendência da aventura, tam querida de portugueses, incessantemente se compraz, ainda hesito em acrescentar a essa pequena, mas fulgente galeria, um nome que então chegou a estar nos bicos da minha pena, e que dela não saiu porque se me afigurou que eu seria excessivo, traçando-o numa obra desta natureza. Esse nome é o nome de Silva Pinto. Já então êle se apresentou à minha mente como um esquecido. Hesitei, repito. Podia ser que a hora da justiça depressa soasse. Já decorreram dez anos — e Silva Pinto está mais esquecido do que nunca. Não sei se êsse olvido continuará. O que sei é que êle é — de todos os que recordei nas campanhas da arte e nos transes da emoção — o *Maior de Todos*.

Com alto prazer lhe reconheço esta classificação justíssima. Na relatividade dos casos, se o seu espirito, dos Eliseos em que vagueia, a vislumbrasse através de nuvens e estrélas, com um sorriso triste a acolheria. Silva Pinto levou para o túmulo, viva e fresca, como uma flor que brotasse à sombra de um roble centenário, uma admiração infinita que o seu temperamento de romântico incorrigível transformou na mais abrasadora das paixões. Foi a de uma estranha mulher na qual encarnou as supremas magnificências da arte — mulher para despertar todos os enlevos do coração, artista para suscitar todas as adorações a que têm jus as maravilhas do génio. E a essa mulher, a essa artista, que êle amou, se é permitido êste termo, com todas as fibras de um coração consumido em chamas derradeiras, como uma lâmpada mais aviva o seu clarão quando a sua luz está próxima a desaparecer, essa mulher, essa artista, foi Sarah Bernhardt, e Silva Pinto chamava-lhe, embevecidamente, a *Maior de Todas*.

Se a comedianta assombrosa, a trágica surpreendente, foi a *Maior de Todas* entre as mulheres de teatro da sua época, o homem dos *Combates e Críticas* foi também o *Maior de Todos* entre os paladinos do Romantismo, do seu tempo, e para isso bastava-lhe ter sido o *discípulo amado* de Camilo Castelo Branco.

• • •

Pois já ninguém pensa nesse grande, nesse pobre Silva Pinto, como se o escritor, a quem Camilo considerava o seu *discípulo amado* — e bem pode dizer-se o único discípulo — não devesse estar sempre presente na vida literária da nossa terra. Ser discípulo de Camilo não é andar rebuscando os arcaísmos a que o mestre outorgou o dom de revivescência, e que só na sua pena ganharam tons nitidos e brilhantes de moeda nova e sonora. Ser discípulo de um grande mestre, em arte, não é copiar-lhe servilmente as fórmulas; é integrar-se no seu espírito, coando-o através de uma personalidade própria, digna d'ele. Na arte de Camilo reconheceu Silva Pinto, predominantemente, «a formidável corda das lágrimas, a formidável corda do riso». Também ele tangeu a sua corda das lágrimas, a sua corda do riso, na lira íntima em que vibram as emoções do mundo exterior, vistas através da máscara da comédia ou da tragédia. Mas as lágrimas eram suas; mas o riso era seu — e na obra do discípulo amado de Camilo podem vislumbrar-se afinidades com o seu mestre; não se descobrem imitações.

O que fez de Silva Pinto o único escritor, em cuja alma a alma de Camilo encontrou sensações gémeas, não foi só o mesmo amor da arte, a mesma paixão do belo, resplandecendo em variadas e ful-



gurantes manifestações — foi o elo da desgraça. Para se ser discípulo de Camilo é preciso ser desgraçado. Camilo é, ele só, toda uma literatura, porque a fatalidade o marcou com o seu sêlo com que por vezes se fixam tantas predestinações. A vida de alguns dos grandes vultos literários do século XIX, em que o espírito do Romantismo, mais do que a sua escola, acendeu tantas paixões poderosas, assinalou-se com êsse sêlo. Um nome basta para se irmanar a Camilo: é o de Byron; mas, maior do que o poeta inglês, Camilo viveu mais e sofreu mais. Pungida, rasgada de continuos golpes, vítima tanto da realidade como do sonho, a alma de Camilo era como um instrumento prodigioso, em que todas as notas soassem, em que todas as cordas estremecessem. A sua dor é uma tempestade estrondosa. Umas vezes soava com o timbre argentino do riso, outras com o dobre lutooso da angústia! Oh! essa dor de Camilo, feita de perpétua ironia e de perpétuo pranto! Só embebido nela pode surgir, viçoso e corrente, o encanto inigualável do seu estilo! O mais é a palavra fria, o vocabulário inerte, a frase desmaiada, que o génio não põe em acção, porque o sentimento os não vivifica.

*

* *

Silva Pinto viveu e sofreu. Uma qualidade o diferenciava de Camilo: é que Silva Pinto era mais amargo do que o seu mestre. Em Camilo nota-se o

habito da dor. O gigante do *Amor de Perdição* familiarizou-se com ela. Encara-a com uma filosofia especial, que, diga-se de passagem, é uma filosofia formidável. Silva Pinto nunca a aceitou. Fitou-a sempre com o olhar de um rebelde. No auge da sua miséria, Camões dizia parecer-lhe já desafôro resistir ainda aos incessantes males que o pungiam. Camilo zomba, por vezes, com as suas próprias desditas, com as suas desventuras morais, com as suas torturas físicas. Em Silva Pinto descortina-se sempre uma revolta. Até o fim da vida, êle lutou, como homem, entre homens: nunca atribuiu o seu infortúnio a um poder divino contra o qual nenhuma revolta se concebe, e por isso mesmo só na resignação tem lenitivo.



Começaram na infância os trabalhos e as amarguras de Silva Pinto. Não devia, pois, surpreender o *rictus* doloroso da sua face. Criança ainda, teve de sair de casa de seu pai, por causa das ideas avançadas que já manifestava. O pai era rico e risrido; o filho foi ser pobre e orgulhoso. São duas calamidades. A altivez ligada à miséria é uma impossibilidade somada a outra impossibilidade. Silva Pinto conheceu aquilo que Camilo nunca conhecera: a fome, a negra fome. Não trepidou. Na verdade, a miséria, a fome, o desconforto, a penúria, atormentaram-lhe a existência, mas robusteceram-lhe o

talento. Silva Pinto narra num dos seus livros que Junqueiro lhe dissera um dia: «Sofre? Extraia arte da sua dor». Nunca Silva Pinto fez outra cousa. Durante o breve período em que se pôde considerar ao abrigo da necessidade, em que foi mesmo relativamente rico, Silva Pinto não escreveu, ou pelo menos não escreveu nada de relêvo. Roubaram-no, empobreceram-no de novo. Mercê da miséria, o jornalismo, a crítica, a literatura, reconquistaram-no.

Conta-se que Luis Filipe incumbira um dos seus cortesãos de indagar das condições pecuniárias dos escritores jovens, para os poder auxiliar. Um dos que receberam êsse auxílio foi Vitor Hugo, e devido a él é que o poeta pôde casar com a sua noiva, Adélia Foucher. Vitor Hugo, com a mesada que Luis Filipe lhe estabeleceu, continuou a fazer arte, a publicar livros, cada vez com maior brilho e maior êxito. Mas Hugo foi sempre uma excepção em tudo. Outros protegidos do rei, assim que se viram isentos das maiores dificuldades da vida, em vez de reputarem o auxílio régio um estímulo para o trabalho, viram nele um incentivo para a preguiça. E então dizia a Luis Filipe o seu agente na caritativa missão:

— Convença-se, meu senhor, de que êles só trabalham com muita precisão. ¡Se deseja que os literatos enriqueçam a nossa literatura, não lhes dê nada!

*
* * *

Silva Pinto escrevia, quando na sua mansarda caía a chuva e entrava o frio, e os seus dedos enregelados atacavam todas as famas consagradas, com violências em que vibrava uma grande parcela de justiça, porque a mão era nobre e a consciência desinteressada de baixas lisonjas e dependências. Foi assim que ele atacou a machadadas o falso prestígio de António Enes, como dramaturgo. Escrevia, quando tinha de abandonar o seu ganha-pão no jornalismo político, ligado a ideias que não eram as suas, para vir, nas colunas das revistas e nas páginas dos panfletos, flagellar todas as falsas reputações convencionais. Escrevia, quando voltava da Espanha ou do Brasil, de uma revolução abortada ou de uma aventura desiludida, atirando, aos punhados, as verdades que por experiência própria verificara, e que só revelavam a existência de uma sociedade insensível e imperfeita. A sua obra obedeceu continuamente a um espírito de desagravo: o da inteligência ofendida, o da consciência magoada, o do espírito insatisfeito. Até o fim da sua vida a sua prosa teve um sabor acre. Era o que convinha ao seu temperamento de rebelde, pungido por todas as vicissitudes da sorte e todas as injustiças dos homens.

;E no meio de tudo isto, um romântico, sempre um romântico! Mas um romântico da raça de Vigny—

poderoso e solitário como o seu Moisés, que ele tanto admirava; um romântico sem sentimentalidades pueris, laivado de um naturalismo forte e sadio; um romântico de concepção vasta, aceitando e venerando a Beleza em todas as formas que ela estéticamente revestia. ¿Leram o prefácio do *Livro de Cesário Verde*? ¿Leram a auto-biografia das *Noites de Vigília*? ¿Leram a partida para o Brasil, em pleno Oceano? Não leram! É possível que não tenham lido! E antes isso do que terem esquecido! Porque quem esquece essas páginas de bronze, onde ressoam soluços de cristal, poderá ser tudo, menos alguém com um coração para sentir a arte, como reflexo da máxima emoção de que a natureza humana é susceptível.

*

* * *

Malheur aux nouveaux-nés! exclamava Musset, na célebre imprecação de Franck. Para Silva Pinto, o grito do insubmissô tirolês representava o cunho de uma fatalidade irremediável. Sempre viu na vida um combate em que a derrota espera inevitavelmente os sinceros, os revoltados, mas também entendeu sempre que o seu dever era lutar. Foi isto o que não lhe perdoaram durante a existência e o que lhe não perdoaram depois da morte. A mediocridade indígena amarrou-o à lenda de um azedume constante. Convencionou-se que Silva Pinto era mau, era venenoso, era cruel. Os que diziam isto eram os



que nunca tinham possuído uma autêntica partícula de sentimento a iluminar-lhes a alma. ¿ Porque não reconheciam antes que Silva Pinto não podia ser doce, nem suave, para uma sociedade dura e ingrata? Dizia João Chagas que Silva Pinto era o único homem que em Portugal sabia *ricaner*. Se o sabia, é porque era o único intérprete de milhares de seres, maltratados por um destino iníquo. ¿ Há, porventura, o direito de censurar o homem que se sente ferido, porque solta um grito de raiva, em vez de uma expressão meliflua?

Durante mais de trinta anos, Silva Pinto não foi só um polemista atlético; foi um fundibulário persistente. Talvez aniquilassem muito mais as suas escaramuças do que as suas batalhas campais. Manejava um montante, mas também esgrimia com um florete. E fazia-o diariamente, não poupando nenhuma convenção, nenhum artifício, nenhum preconceito. Quem o segue na sua contínua anotação dos factos da vida literária ou da vida política passma da sua combatividade, do seu impeto, sempre juvenil, inalteravelmente espontâneo. Camilo comparou-o a Paul-Louis, a Cormenin, a Chesterfield. Nenhum deles varreu mais, em torno de si, uma feira de vaidades estultas e de conveniências inconfessáveis. Por vezes a sua clava era a de Hércules e a arena ficava juncada de cadáveres de reputações imerecidas.



*
* *

Conheci-o já velho, na fase em que João Chagas o descreveu, com dois traços de pena, equivalentes a meia dúzia de linhas, formando uma caricatura, do lápis fulgurante de Gavarni. Magro, coxeando, apoiado a uma bengala, de chapéu alto, saindo-lhe das abas uma cabeleira revolta, bilioso, sorrindo sem alegria, a sua presença estava longe de inspirar simpatias. Dizem os seus amigos que era um conversador notável. As poucas vezes que o ouvi não me produziu essa impressão. Estou mesmo convencido que ganhava muito mais em ser lido do que escutado. Há homens que de maneira alguma se adaptam à ideia que dêles fazemos pelos seus escritos, construindo uma fisionomia ideal em que o seu estilo se estampasse em traços que o imanassem à sua obra. Silva Pinto escrevia como um mosqueteiro, e a sua figura era a de uma ruína humana, sem expressão que realmente correspondesse à galhardia da sua pena.

Poucas vezes lhe falei, e ainda foram demasiadas, porque se há impressão que eu presumo nociva para as admirações do nosso espírito são as que deminuam de qualquer forma o culto que o talento inspira. Creio que o artista, o homem de letras, o estadista, nada ganham em ser muito conhecidos. Quasi sempre as decepções são inevitáveis. Seria por isso que Le Bruyère disse: *Tout notre mal vient*

de ne pouvoir être seuls? A verdade é que na obra desses homens está a parte mais bela da sua individualidade, que é a do talento, que o sentimento interpreta, a tudo sobrelevando, enquanto que, conhecidos pessoalmente, forçoso se torna que fixemos em detalhe o que só deveríamos considerar em bloco.

Entretanto, devo a Silva Pinto um grande acto de generosidade, que profundamente o vinculou à minha gratidão. Numa revista literária da época, ousei criticar um dos seus livros, e assinalando, embora, a beleza penetrante e viva do seu estilo, não duvidei considerar a sua obra fragmentária, e as suas conclusões indecisas. ¿Porque não ia o bravo panfletário até o fim nas suas recriminações contra uma sociedade egoista, que nós viamos atacada com intrepidez por homens como Kropotkine, como Jean Grave, como Réclus — os ídolos da mocidade do meu tempo? Era uma audácia, talvez uma impertinência, como diria o Sr. Júlio Dantas, embora Silva Pinto nunca pudesse ser comparado a nenhum cardeal, a não ser, porventura, o de Retz, de espírito *frondeur* como o seu. O grande panfletário, que não respondia à criançada das letras, fez, sem me conhecer, uma excepção a meu favor, encetando comigo uma polémica elevada, brilhante, em que por vezes a sua pena traçou algumas das páginas mais vigorosas da sua obra. ¡Como vão longe êsses tempos! De um dia para o outro a atitude de Silva Pinto concedeu-me um destaque em que eu nunca pensara, porque não julgara que o poderoso escritor

terçasse, com a minha pena inexperiente, a sua, que já brilhara ao sol de tantos combates. E devi-lhe uma alta lição, porque no seu primeiro artigo, em que me julgava mais novo ainda do que eu o era, porque já fizera os meus vinte anos, Silva Pinto afirmava, com uma nobreza impressionante, que estava convicto de que podia descansar, tranqüilo, sobre vinte mil páginas escritas, onde ninguem descobriria o dolo, a corrupção, ou a mentira. ¡Exemplo altivo de uma alma temperada, pela dor e pela miséria, como o aço de um gládio, consoante o dizer forte e belo do poeta Eugène Manuel! Hoje, que os anos me vão aproximando da idade em que Silva Pinto escreveu, com sereno orgulho, essas palavras, e em que, na quantidade, me aguarda, no repouso eterno, um leito formado ainda por um número maior de páginas, até hoje traçadas numa labuta, inferior à sua pelo brilho, porém não menos exaustiva, vejo ainda e sempre essa legenda de honra, de que nunca, felizmente, desviei os olhos — cansados, mas não obscurecidos por nenhum pensamento vil, por nenhum interesse inconfessável, por nenhuma apostasia vergonhosa.



Fui ao seu funeral. Meia dúzia de pessoas, apenas; o seu grande amigo, o poeta Narciso de Lacerda, sucumbido. O préstito saiu da pequenina casa da Travessa da Palmeira, onde êle habitava

—

numa espécie de mansarda que só as suas grandes recordações iluminavam. Foi um enterrro humilde, soturno e triste. Nem uma palavra à beira do seu caixão. Ah! nisso fez-se certamente o que ele desejava! O seu émulo em revoltas e sofrimentos, Jules Vallés, também recomendara severamente: *Pas de barardage sur ma tombe!* Se havia sentimento, fixou-se nas almas. Mas logo aí, dir-se-ia ter começado o esquecimento, glacial como uma mortalha de neve. A imprensa pouco ou nada disse dêsse admirável jornalista, que nela lutara, dia a dia, durante mais de trinta anos. Que triste cousa! Há os esquecidos — e eu aqui lhes lancei aos pés um modesto feixe de saudades — que nunca chegaram a fazer uma obra, e os que foram vencidos pela vida, ou aniquilados pela morte, mal a tinham iniciado. Neste caso, porém, o que enferrujara para sempre fôra uma pena já ilustre, que escrevera mais de vinte volumes, em nenhum dos quais um puro talento deixou de marcar a *griffe* do lutador.

É um esquecido Silva Pinto? Esquecida deve estar também a voz da crítica em Portugal; esquecida a profunda impressão que da beleza irradiia para as almas que a sabem compreender. Esquecido deve estar o lugar vago onde se ergueu a figura altiva dos batalhadores da Verdade — que já houve, nesta terra, em tempos em que a independência do espírito, traduzindo a probidade da razão e a espontaneidade do sentimento, era a virtude essencial dos que tinham a honra de manejar uma pena para definir uma ideia!

ÍNDICE

	Pág.
PREFÁCIO	5
I — LEITE BASTOS	13
II — COSTA ALEGRE	19
III — HELIODORO SALGADO	25
IV — «ELDEMÓNDO»	33
V — FERNANDO LEAL	41
VI — O VELHO GERVÁSIO	49
VII — JOSÉ DURO	55
VIII — ERNESTO DA SILVA	61
IX — MONIZ BARRETO	67
X — JOÃO CLÍMACO	73
XI — EDUARDO PINTO	79
XII — JOSÉ NEWTON	85
XIII — ALFREDO SERRANO	93
XIV — MANUEL CARDIA	101
XV — FELIZARDO DE LIMA	107
XVI — NUNES CLARO	113
XVII — GUILHERME BRAGA	123
XVIII — EDUARDO PEREZ	131
XIX — MARTINS FIGUEIRA	137
XX — SILVA PINTO	145



IMPRENSA
NACIONAL
DE LISBOA

**PUBLICAÇÕES À VENDA
NA PENINSULAR, L.^{DA}**

REVISTA BIBLIOGRÁFICA CAMILIANA,

por MANUEL DOS SANTOS, exemplar
numerado, 2 vol. 300⁰⁰⁰

OS LUSÍADAS, edição de luxo, com a tradução
francesa de FERNANDO DE AZEVEDO,
prólogo de PINHEIRO CHAGAS, des-
enhos de SOARES DOS REIS, etc. 36⁰⁰⁰

DUAS PÁTRIAS, o que foi a viagem presiden-
cial ao Brasil em 1922, por Luis
DEROUET (camiliano). Notável prefá-
cio do DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA 50⁰⁰⁰

OS MÚSICOS PORTUGUESES, por JOAQUIM
DE VASCONCELOS, 2 vol. 50⁰⁰⁰

MEDALHÕES NACIONAIS, por MATIAS DE
LIMA (camiliano) 9⁰⁰⁰